

# NORDESTE

FEITO EM  
VERSOS  
E PROSA



NORDESTE EM VERSO E PROSA

12/02/2024

1a Edição

Todos os direitos da obra reservados ao autor

Copyright ©Editora Bailer Books, 2023

Arte de Capa — Estúdio Bailer Books

Design Editorial — Estúdio Bailer Books

Leitura e Revisão Crítica — Edivandro Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C355n

Castro, Edivandro de P. (org)

Nordeste em verso e prosa / Edivandro de Paula Castro. São Paulo : Bailer Books, 2024.

ISBN: 978-65-982290-2-3

1. Poemas. 2. Poesia Brasileira. 3. Prosa.

I. Título II. Autor

82-1 (81)

CDD B869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira: Poesia : Prosa

B869.91



*Este livro é dedicado a todos os homens e mulheres do presente e do passado que fizeram o Nordeste ser o que ele é: um ícone de cultura, movimentos sociais, culinário, resistência, educação e literatura.*

*A todos vocês, nosso muito obrigado!*

## Sumário

O cajueiro encantado (Cristiana Escola).....	12
Estradas, histórias, memórias (Davi Lima Alcântara) .....	15
Nome no coração (Drikah Thabepe).....	20
A batalha de Jenipapo (Edivandro Castro) .....	27
Baião de dois (Elizabete Presa) .....	31
Uma noite de São João (Elys Lopes).....	34
Um dia no museu de Santana do Cariri: a terra dos dinossauros (Elys Lopes).....	38
Os romeiros de Padre Cícero na terra do Juazeiro do Norte (Elys Lopes).....	42
Estrela radiosa: O brilho da mulher alagoana (Fernanda Janayna Souza Dória).....	46
Meu Nordeste (Francisca Kássia).....	50

Lajedo do Pau D'Arco (Hamurabe José Batista Flores).....	54
Sou nordestino (Hamurabe José Batista Flores) .....	60
Releitura da fábula: O fim do mundo (Ian Luís).....	72
Beleza nordestina (Jordana Pires) .....	81
O Primeiro cearense (Jordana Pires).....	83
Moça apaixonada (José Edson Lima Bento).....	85
A migração do povo nordestino (Juliana Bilu).....	88
Nordestina (Luciana Nascimento).....	90
Brincadeiras (Luciana Nascimento) .....	93
A mulher nordestina (Márcia Silva).....	95
Crente nordestino (Marcos Viana).....	96
Meus nove irmãos (Marcos Viana).....	98
Cheiro de Maria (Maria da Conceição Marques).....	100
Viagem pelo Nordeste (Maria da Conceição Marques).....	103
Catarina Mina (Maria da Conceição Marques).....	106

O meu Nordeste (Maria Vitória de Oliveira Afreu) .....	109
Apologia ao Nordeste (Patrícia Ferreira da Silva).....	110
O encontro de almas: Nordeste e África (Pau de Cabinda).....	116
Mãe África e o filho poético (Pau de Cabinda).....	197
A dança dos sabores (Pau de Cabinda) .....	122
1 só povo (Pau de Cabinda).....	125
Do nosso jeito (Pau de Cabinda) .....	129
As riquezas do Nordeste (Paulo Moreira da Silva) .....	131
O Saci e o Cangaceiro (Robson Campos) .....	135
Maria Preta (Rose Ames).....	138
Dona Mariquinha (Rose Ames).....	140
Das aparições do amor (Sandra Roza).....	143

# Prefácio

Nordeste. Como não se apaixonar pelo seu clima? O sol brilha intensamente no céu, aquecendo as praias paradisíacas e as paisagens deslumbrantes. As chuvas de verão trazem vida e renovação, transformando a aridez em um espetáculo de cores e fragrâncias. O clima nordestino é um convite para aproveitar a vida ao ar livre, seja nas praias de águas cristalinas, nos sertões cheios de histórias ou nas cidades históricas que guardam segredos do passado. E como poderíamos esquecer da literatura nordestina, que nos encanta com suas obras marcantes e nos transporta para universos cheios de personagens marcantes, cenários vívidos e histórias emocionantes. É através das palavras desses grandes escritores que o Nordeste se revela em toda a sua complexidade, beleza e diversidade.

Portanto, Nordeste, receba esta homenagem como um reconhecimento à sua cultura, ao seu clima e à sua contribuição

literária. Sua grandeza é imensurável e seu povo é fonte de inspiração para todos nós. Que possamos sempre valorizar e preservar tudo o que você nos oferece, celebrando sua história, tradição e riqueza cultural.

# Introdução

A vida é mesmo uma “caixa de surpresas”. Nossas escolhas parecem determinar muito mais os nossos fracassos do que as nossas conquistas. Quando se é jovem, as coisas costumam ser bem mais atraentes do que realmente são. A gente se ilude muito fácil, cede muito fácil e acaba pagando caro pelos nossos atos. Eu acabei aprendendo isso das piores formas possíveis e, hoje, a minha vida é um reflexo constante de um passado que não me larga e que, em cada nova decisão que preciso tomar, sua sombra vem para me “assombrar”, fazendo com que eu fique mais pensativo e relutante diante do caminho que preciso seguir. A minha vida se tornou uma verdadeira série de Netflix, onde cada episódio parecia lançar o meu “mundinho particular” mais ainda na obscura estrada das incertezas, sem nenhuma esperança de mudança. Onde tudo isso começou é bem difícil de determinar. Tenho algumas suspeitas, mas até chegar a afirmar que estas foram as verdadeiras causas, é querer ser leviano comigo mesmo. E isso é um erro que eu não posso me dar ao luxo de cometer. Já basta a vida me tratar levemente.

Enquanto isso, vou seguindo o meu rumo sem saber onde ele

vai me levar. À medida que o tempo passa, meus pensamentos vão e voltam para as lembranças mais marcantes, onde a eterna dúvida que cada uma delas apresenta me induz a imaginar como estaria a minha vida hoje se eu tivesse feito tudo diferente em cada uma daquelas situações. “O futuro precisa ser a sua meta, rapaz!”, costumam me aconselhar os mais velhos. Mas como buscá-lo, se a sensação de que algo em minha vida ainda precisa ser resolvido insiste em me acompanhar? Será que a resposta para toda essa situação de estagnação em que ela se encontra está no passado, ou em uma barreira psicológica do presente, que não me permite alcançar o meu porto seguro, as minhas realizações? Seja como for, a cada ano que passa, menos sentido as coisas parecem ter para mim. Sei que preciso mudar esta situação, mas se pelo menos eu soubesse por onde começar! Caminhos acidentados, sonhos desfeitos e uma só certeza: nada do que eu faço agora parece ser tão importante quanto as muitas coisas que eu já fiz outrora. E o pior é saber que, por mais que algumas pessoas queiram me ajudar, no final das contas, o único que poderá me tirar dessa situação serei eu mesmo!

Seja bem-vindo ao meu mundo! Muito prazer! Sou o João Miguel! JM, para os amigos! Quer saber como a minha vida chegou a este ponto? Continue lendo essa história e você descobrirá...



## O cajueiro encantado

*Cristiana Escola*

Havia uma pequena vila no coração do sertão nordestino, onde o sol brilhava intensamente e o chão ressecado pedia chuva. As crianças da vila adoravam se reunir em torno da fogueira à noite para ouvir histórias, mas a mais misteriosa era a lenda do “Cajueiro Encantado.”

Dizia-se que, em uma época muito antiga, um feiticeiro bon-

doso plantara um cajueiro especial naquelas terras. Este cajueiro dava frutos de sabores mágicos, mas apenas uma vez a cada 100 anos, na noite de uma lua cheia. As crianças da vila ansiavam por provar esses cajuus mágicos e, um dia, um corajoso grupo decidiu sair em uma grande jornada para encontrá-los.

Eles enfrentaram o sol escaldante e trilharam o árido deserto, seguindo as antigas histórias. À medida que se aproximavam do cajueiro, viram faíscas douradas cintilando no ar. Quando a lua cheia surgiu no céu, os cajuus começaram a brilhar como estrelas cadentes. As crianças colheram-nos com muito cuidado, e o sabor era indescritivelmente delicioso, como sonhos feitos realidade.

No entanto, a magia dos cajuus atraiu a atenção de um espírito travesso que habitava próximo à árvore. Ele apareceu sob a forma de uma serpente de fogo, roubando os cajuus e ameaçando as crianças. Nesse momento de pavor, as crianças ouviram uma voz gentil que ecoou das profundezas da árvore, a do espírito bondoso que o feiticeiro há muito tempo havia aprisionado.

O espírito do bem protegeu as crianças, confrontando o

espírito travesso. Uma batalha épica se desenrolou, com luz e sombras dançando na noite. Finalmente, o espírito do bem triunfou, aprisionando o espírito travesso. Como agradecimento, o espírito bondoso concedeu às crianças um último caju mágico antes de desaparecer na bela árvore da qual era o guardião.

As crianças voltaram para casa e compartilharam a incrível experiência com sua vila. Os caju mágicos trouxeram alegria e prosperidade à comunidade. Mas, o mais importante, elas aprenderam que a verdadeira magia reside na bondade e na coragem de enfrentar desafios. E a lenda do “Cajueiro Encantado” continuou a ser contada à luz da fogueira, inspirando gerações de crianças a acreditarem na magia e na importância de fazer o bem.



## *Estradas, histórias, memórias*

*Davi Lima Alcântara*

Como esta viagem de férias  
Nunca terá outra igual,  
Saímos de Uberlândia  
De carro para Natal.

Sete estados até o destino  
Não vejo a hora de chegar,  
Ver a praia novamente  
E pular as ondas do mar.

As ondas respiram fortes  
No vai e vem do mar azul,  
Refletindo as luzes douradas  
Do pôr do sol em Genipabu.

Ponta Negra, Pipa e Redinha  
Todas têm sua beleza,  
Mas no Pocinho de Santa Rita  
Onde mais me encantei com a natureza.  
Tinha peixes, caranguejos, conchinhas  
E vi aviões em treinamento  
Da Força Aérea Brasileira  
Abrilhantando esse momento.

Um aquário que tinha até animais  
Me chamou muito a atenção,  
Vi peixes, macacos, pinguins  
Quanta diversão!  
Mas o meu preferido  
Foi o temido tubarão.

Outro momento cultural  
Que não poderia faltar,  
O Museu Câmara Cascudo  
Curioso, fui visitar.  
De fósseis de dinossauros  
A um jardim sensorial,  
Posso dizer, com certeza  
Que o passeio foi bem legal.

Santa Rita de Cássia  
Que enorme e linda imagem

Por muita gente é admirada,  
Depois seguimos viagem  
Para os familiares de Lajes Pintadas.

No galho de uma árvore  
Pousou um passarinho  
Diferente e charmoso,  
Não tinha visto igual  
Sua cabeça é vermelha  
Já sei! É o cardeal.

O mandacaru  
Símbolo do sertão  
Vi muitos pelo caminho,  
Lembrarei sempre com carinho  
Dessa terra de gente forte,  
E guardo no meu coração  
Com muita satisfação,  
A viagem para o Rio Grande do Norte!



## Nome no coração

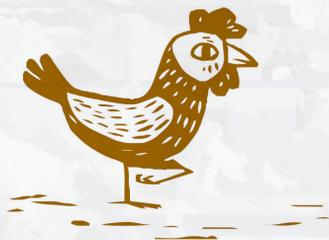
*Drikah Thabepe*

Seu nome era Bernardino  
Sinto orgulho em relatar,  
Meu avô, um belo moço, nascido no Ceará  
Com sua esposa e filhinha,

Pegaram um trem de partida, vieram ao Paraná.  
Nessa terra firmou o pé  
A família fez crescer,  
Sempre honrou a sua fé  
Nasceu pronto para vencer.  
Astuto e líder nato  
Tentaram lhe ofuscar,  
Zombaram do seu sotaque  
Quiseram lhe humilhar.  
Mas a luz que vem de dentro  
Não adianta invejar,  
Mesmo na adversidade  
Ela brilha sem cessar.  
Magoado ele ficava, chegava até a chorar,  
Mas não mudou suas raízes, nem seu jeito de falar  
O nome dele é Bernardino  
Homem bravo e destemido,  
Que deixou o seu legado, para hoje eu te contar.

E somos todos Bernardino  
O nome está no coração,  
Somos todos parecidos  
Até a quinta geração.  
Educação é uma conduta  
Nenhum de nós foi para a prisão,  
Não somos de pedir briga  
Não fugimos de uma luta  
Nem brigamos entre irmãos.  
Somos todos Bernardino  
Nossos jovens são focados  
Orgulho da profissão,  
Até mesmo os não casados  
Aprenderam desde cedo  
O valor da união.  
Somos todos Bernardino  
Cada um no seu lugar,  
Mesmo não estando juntos  
É só um pedir socorro e todos vêm para ajudar.

Permanecemos Bernardino  
Repletos de vocação,  
Músicos de carteirinha  
A escrita e a poesia, vêm de berço esse dom.  
E quem já foi um Bernardino  
Nos deixou uma lição:  
Não há tempo existente  
Que amenize nessa vida,  
A dor que traz a despedida  
Em perdermos um parente.  
Eu olho para cima  
E sussurro um pedido:  
Que o senhor esteja vendo  
Orgulhoso avô querido,  
Que deixou em nosso sangue  
Essa raça Bernardino!



## Jenipapo

*Edivandro Castro*

Era um momento histórico para o Brasil,  
Nos idos de mil oitocentos e vinte e dois,  
Às margens do Ipiranga um grito se ouviu,  
Porém, muito ainda aconteceria depois.  
Portugal não aceitaria de bom grado

De uma colônia tão rica abrir mão.  
“Vamos enviar centenas de soldados  
E destruir quem apoiar a separação”.

Em cada província, vila e cidade  
Crescia mais forte o sentimento:  
“Se quisermos alcançar nossa liberdade,  
Temos que aproveitar este momento.”

Portugal seus ataques decidiu concentrar  
Contra os rebeldes do Nordeste e Norte,  
Confiante de que conseguiria triunfar  
Por ter um exército treinado e forte.

E, assim, no Piauí, uma luta aconteceria,  
A maior contra o exército português,  
Em treze de março, o memorável dia,  
No ano de mil oitocentos e vinte e três.

O Major João José da Cunha Fidié,  
governador das armas e experiente,  
Foi enviado para enfrentar a maré  
do povo querendo ser independente.

Rumou à Piracuruca com seu batalhão,  
Sem saber que a cidade fora evacuada.  
O major, se deparando com a decepção,  
Encontrou apenas poeira e mais nada.

Em Parnaíba recebeu a dura mensagem:  
“Oeiras declarou independência também.”  
Então, prontamente, inicia a viagem  
Decidido a fazer o que sabia tão bem.

Mas cearenses e maranhenses, de mãos dadas,  
Vieram mostrar que o Piauí não estava só.

Unidos, decidiram preparar uma emboscada  
Quando Fidié passasse por Campo Maior.

Lavradores, artesãos, escravos e vaqueiros,  
Munidos de facões, enxadas e machados,  
Tentariam impedir Fidié de chegar a Oeiras  
seguido por homens bem treinados e armados.

Aproveitando a seca, fizeram de trincheira  
o rio Jenipapo numa bifurcação na estrada.  
A maior luta, que valeria por uma vida inteira,  
Sob o sol, por homens simples seria travada.

Mas o ataque surpresa não saiu como esperado  
E isso deu a Fidié tempo para se reorganizar.  
O povo decidiu atacar por todos os lados,  
Mesmo com poucas chances de triunfar.

O poderio português se mostrou superior  
De nove da manhã até as duas da tarde,  
Corpos caíram ao chão e o sangue jorrou,  
Mas o povo foi tudo, menos covarde.

Centenas foram presos, centenas morreram,  
Portugal venceu a batalha, mas não a guerra,  
Pois a chama da liberdade que eles acenderam  
Foi semente frutificando por toda aquela terra.

Fidié se refugiou em Caxias, Maranhão,  
Enfraquecido e cansado para a empreitada,  
Então, antes que reunisse um novo batalhão,  
Sua casa foi pelos populares cercada.

Não foi morto, mas, sim, enviado ao Rio  
E, de lá, mandado de volta a Portugal.  
Iniciaria um novo tempo para o Brasil  
Com promessas de uma mudança real.

E a batalha do Jenipapo e seu cruel confronto,  
Tornou-se símbolo do patriotismo exacerbado  
Dos homens simples que partiram ao encontro  
do exército de Fidié praticamente desarmados.

Leonardo Castelo, João Cândido, Manoel, Luís,  
João Alecrim, Inácio, Salvador de Oliveira,  
Alexandre Nery, Pedro Francisco Martins,  
Simplício José da Silva e José Pereira Filgueiras.

E muitas outras pessoas que, bravamente,  
Arriscaram-se entregando a própria vida  
São parte de nossa história, e, certamente,  
Sua luta pela liberdade jamais será esquecida.



## Baião de dois

*Elizabete Presa*

Da culinária cearense, direto do sertão, surgiu o baião de dois, uma comida deliciosa, sem frescura, onde tudo se mistura. E agora, chega de prosa e conversa e vamos à receita que é o que interessa.

Ingredientes:

300 g de carne dessalgada;

1/2 kg de feijão de corda cozido;

250 g de arroz branco cozido;

1 unidade de cebola roxa (picada);

3 dentes de alho amassado;

1 maço de coentro limpo;

50 g de bacon em cubos;

300 g de queijo coalho;

2 gomos de calabresa em cubos;

1 pimenta dedo-de-moça (picada);

1 unidade de pimentão vermelho e 1 amarelo em cubos;

3 colheres de sopa de manteiga de garrafa.

Preparo:

Em uma panela grande, doure o bacon na manteiga de garrafa;

Adicione a cebola, o alho e, em seguida, acrescente a carne seca e a calabresa, e doure;

Depois, adicione o feijão, o arroz e o restante dos ingredientes;  
Mexe e tampe a panela para derreter um pouco o queijo;  
Para finalizar, regue com a manteiga de garrafa, mexa e desligue o fogo.



## Uma noite de São João

*Elisiany Leite Lopes de Souza*

*“Eu pedi numa oração  
Ao querido São João  
Que me desse um matrimônio.  
São João disse que não!”*

*São João disse que não!  
Isto é lá com Santo Antônio!  
Eu pedi numa oração  
Ao querido São João  
Que me desse um matrimônio.  
Matrimônio! Matrimônio!  
Isto é lá com Santo Antônio!”  
(Lamartine Babo)*

Todo ano, nós, aqui do sertão, esperamos por essa época tão festiva que acontece no mês de junho: o São João. Na cidade de Barbalha, no Ceará, o padroeiro é Santo Antônio de Pádua, conhecido como casamenteiro, logo ao iniciar as novenas, uma senhorinha faz um chá, e quem dele tomar arranja um marido para casar, e é ligeiro!

Vem mulher de todo canto para fazer promessa para desencalhar! O momento mais aguardado é quando os homens da cidade cortam o pau de Santo Antônio para hastear na frente da matriz. A lenda diz que quem pegar um pedaço do pau ou subir em cima dele, no mesmo

ano casa. Alguns descrentes afirmam que como a pressa é grande, o santo envia qualquer um, e na maioria das vezes, vem com defeito de fábrica, e aí a devolução é complicada! Nos sítios, a festa é ainda mais animada! Tudo decorado com as bandeirinhas, a fogueira é acesa na véspera de São João, e haja comidas típicas, como o milho assado, canjica, pamonha, aluá, bolo de macaxeira, batata, mungunzá, baião com farofa e vatapá, entre outros! Uma delícia, hummm!! Ninguém sabe o que experimentar primeiro. A galera prepara a decoração com as fotos dos três santos, muitas bandeirolas, chapéu de palha e fitas etc. Ainda dançamos uma bela quadrilha improvisada, vestindo pano de chita e a bota, e puxamos o fole e a sanfona pro forró a noite toda troar! Balão não se pode, porque é perigoso. Porém, os fogos iluminam a noite do céu estrelado que o nosso Luiz Gonzaga cantou!

Como diria o nosso saudoso Dominginhos: “Olha, isso aqui tá muito bom; Isso aqui tá bom demais; Olha, quem tá fora quer entrar; Mas quem tá dentro não sai, pois é”. Já no finalzinho comemora-se São Pedro, e oxé imediatamente ficamos com um gostinho de quero mais, porquanto está acabando igual a rojão. E melhor que isso só amor do casalzão junino falam que a união é certa para toda a vida. Eita São João danado de bom!

Bem, que poderia ter o ano inteiro.



## Um dia no museu de Santana do Cariri: a terra dos dinossauros

*Elisiany Leite Lopes de Souza*

Logo quando cheguei à região do Cariri, quis dar uma de turista e fui pesquisar o que fazer e o que conhecer pelas redondezas. Como estamos cercados pela Chapada do Araripe, é

muito fácil encontrar aventuras radicais na natureza, trilhas, caminhadas, passeios pelas cachoeiras, balneários, o Caldas, Arajara Park, mas vi o museu de Paleontologia em Santana. Aí, eu me instiguei a ir e conhecer de perto aquilo que apenas via na TV e em documentários. Na chegada, na praça central, há uma feirinha e várias réplicas dos dinossauros para os turistas fazerem aquela foto “instagramável”. O pontal da serra tem uma belíssima vista do esplendor do criador, com restaurante e uma capelinha charmosa, na descida ao lado, vemos uma igreja toda de pedra Cariri em homenagem à beata Benigna, a virgem menina que morreu defendendo a sua honra.

No museu Plácido Cidade Nuvens que é mantido pela Universidade do Cariri (URCA), temos diversos guias que auxiliam a visita. Na entrada, há uma grande maquete da época pré-histórica, estátuas de animais voadores e do Tiranossauro Rex, além de um acervo especializado como Geologia, Biologia, Paleontologia, Química e Física. Arqueólogos do mundo nos visitam, porque existe um projeto de escavações de fósseis na Bacia do Araripe, principalmente, nas cidades de Nova Olinda e Santana. Inclusive atrai exploração clandestina e o

tráfico de fósseis. No mês, o museu recebe milhares de visitas. Além disso, foi reconhecido como patrimônio cultural do Município. Nos fósseis encontrados, geralmente, são troncos petrificados, impressões de samambaias, pinheiros e plantas com frutas, moluscos, artrópodes (crustáceos, aranhas, escorpiões e insetos), peixes (tubarões, raias e diversos peixes ósseos), anfíbios e répteis (tartarugas, lagartos, crocodilos, pterossauros e dinossauros).

Lembram do filme Uma noite no Museu? Eu me senti o personagem principal, meio que encantada e meio assustada, será que aquela ossada toda iria se mexer em algum momento? Eu fechei os olhos e consegui imaginar, durante a noite, quando todos tivessem ido, e as luzes apagadas, a bicharada toda saindo do lugar e conversando altos papos e voando. Uau!! Já pensaram em interagir com os dinos? Acordei em um lapso, e vi crianças superatentas e de olhos arregalados, os adultos fascinados, se tornando crianças por instantes iguais aos filhos. Muita gente perguntando suas dúvidas a respeito da época, da alimentação, dos nomes e anos em que os bichos viveram.

O interesse de como acharam os fósseis, quando e em que estado estavam, e quais pesquisas levaram a descobrir o nome original de cada espécie. Uma pré-história tão distante e ao mesmo tempo tão próximo de nós, será ilusão, fantasia ou fruto da nossa imaginação?! Nem o roteiro mais criativo poderia prever algo tão real. Não é mentira! Existe sim! Ao adentrar no museu de Paleontologia parecia que estava no museu de História Natural lá em Nova Iorque.

Para quem acha que não passa de ficção em filme de Steven Spielberg, o mundo perdido e o parque dos dinossauros são aqui no Ceará: Santana do Cariri.



# Os Romeiros de Padre Cícero na terra do Juazeiro do Norte

*Elisiany Leite Lopes de Souza*

*“Eu todos os anos  
Setembro, Novembro Vou ao Juazeiro  
Alegre e contente  
Cantando na frente*

*Sou mais um romeiro(...). Olha lá  
No alto do morro. Ele tá vivo  
O Padim não tá morto  
Ele tá vivo  
O Padim não tá morto”.*  
Luiz Gonzaga

Após dois anos de pandemia, os romeiros de Padre Cícero voltaram a frequentar Juazeiro do Norte, vindo de vários lugares para agradecer as bênçãos conquistadas. Geralmente, o mês de março (que é o nascimento do padre), abril (Semana Santa), julho (mês da morte de Padre Cícero) e em setembro (festa da padroeira Nossa Senhora das Dores), a cidade fica lotada.

No dia 14 de setembro, véspera da festa na matriz, nas ondas do calor (pegando fogo!), há um desfile de carros, ônibus, motos, bicicletas nas principais vias; enfeitam-se com bolas, fotos, tecidos coloridos e fazem um buzinaço. Saem por volta das 15h, e os romeiros jogam bombons, pipoca etc., para

as pessoas que estão nas ruas aguardando o cortejo passar. É uma forma de agradecimento à cidade pelo acolhimento e na espera de em breve retornar. Este ano de 2023, a expectativa foi de 600 veículos, e por incrível que pareça, existem jurados e avaliam qual o transporte mais decorado.

Para quem acredita e tem fé, Padre Cícero já é santo pelo povo, mas desde o anúncio do processo de beatificação dele pelo Vaticano, a quantidade de fiéis aumentou consideravelmente.

Por mais absurdo e sobrenatural que seja, a fé é inexplicável e crer mesmo sem ver, enxergar além das possibilidades, mesmo tudo dando errado! Com a certeza de que Deus é brasileiro, e temos um intercessor no céu Padre Cícero, e a beata Benigna de Santana do Cariri, a região é cada dia mais abençoada com a visita dos romeiros com as provas de fé, e dependendo deles o título de santo com muito joelho dobrado, velas acesas, cantoria de madrugada, as solteironas de véu na cabeça fazendo voto pra que o “padim” seja reabilitado e que o “milagre da hóstia” da beata Maria de Araújo que virou sangue seja reconhecido pelas autoridades da Igreja Católica. A partir deste dia em

diante o solo é sagrado e atrelado ao misticismo religioso. Não é à toa que se tem a estátua no topo da serra gigante o Padre Cícero com 27 metros de altura, uma das dez estátuas cristãs em concreto maiores das Américas.

Centenas e milhares de pessoas vão até o Horto e dão o testemunho delas de milagres, e a fama do Padre se espalhou por todo o país.

“Só deixo o meu Cariri no último pau de arara...”

Canção de Luiz Gonzaga.



# *Estrela Radicosa: O brilho da mulher alagoana*

*Fernanda Janayna Souza Dória*

Do sertão ao litoral,  
A mulher alagoana é sensacional!  
Abusada e impaciente, não teme o desafio,

No calor do seu coração, há um fogo bravio.

Metida e amostrada, com orgulho se exhibe,  
Sua força não se esconde, ela não se inibe.  
Aperreio e desespero não a fazem parar,  
Ela vai à luta, arretada no seu caminhar.

Na arenga do dia a dia, ela se destaca,  
Com sua sabedoria, nada a embaralha.  
Bagaceira é o estrago que ela desfaz,  
Com determinação, vai além do que se faz.

Bexiguenta? Que nada! Ela é resiliente,  
Nas dificuldades, ela se torna mais valente.  
Pega carona na vida, sem medo de voar,  
Ela é livre, dona do seu próprio lugar.

Com o terço em suas mãos, ela encontra serenidade,  
Pedindo com fé e entrega ao Senhor, com humildade.

Que cure os traumas e as dores da alma, encontra paz no orar,  
E recebe sabedoria e forças para enfrentar.

Com um birilo no cabelo, ela se enfeita,  
No broco do cotidiano, ela se ajeita.  
Brocoió? Jamais! Ela é inteligente,  
Com sua astúcia, supera qualquer descrente.

Eita gota! Eita boba! Ela sempre se surpreende,  
Mas não se abate, segue em frente.  
Lisa? Isso não a limita,  
Ela é rica de valores, sua alma é infinita.

Morgada? De jeito nenhum, ela é determinada,  
Com coragem, enfrenta qualquer jornada.  
Muganga é para os fracos, ela é pura emoção,  
Com seu sorriso, alegra qualquer ocasião.

Pariceira, amiga, ela é leal e fiel,  
Ao seu lado, terá sempre um cordel.  
Pantinho de frescura? Negativo, ela é autêntica,  
Com sua essência, encanta a todos, de forma única.

Resenha é o que ela mais gosta de fazer,  
Risadas e histórias, ela sabe envolver.  
Vôte, ela expressa seu espanto,  
Mas logo se recompõe, segue adiante, levando encanto.

Zuada é seu barulho, sua voz ecoa,  
Mulher alagoana, uma estrela que brilha e voa.  
No centro ela bate perna, compra o que precisa,  
Na Rua das árvores, pastel e calda de cana ela aprecia,  
E na rua do comércio, volta cheia de sacola,  
Com suas compras e conquistas, ela se empodera e se consola.

Oxe, não vá bulir com ela não,  
Não se intimida, enfrenta qualquer situação.

Ela luta por seus direitos, com coragem e paixão,  
Não leva desaforo para casa, nem para  
vida, em nenhuma ocasião.  
Com macaxeira, cuscuz, tapioca, bolo e café,  
Ela nutre seu corpo, é seu jeito de viver.  
E mergulhar no mar, lavar a alma com prazer,  
Encontra paz e renovação, é o seu ser.

Mulher alagoana, radiosa e guerreira,  
Você é a força que inspira, a verdadeira bandeira.  
Com sua vontade de prosperar, você encanta,  
Seu brilho ilumina a todos, como uma estrela santa.

Que seu caminho seja sempre iluminado,  
Que sua voz seja sempre ouvida, aclamada.  
Mulher alagoana, exemplo de resiliência,  
Você é a alma da nossa terra, com toda a sua essência.



## Meu Nordeste

*Kássia Santos*

Nordestino é guerreiro,  
É um povo arretado  
Que não se esmorece com o cansaço  
De um dia pesado,  
De uma noite mal dormida,

De uma vida sofrida.  
Esconde seu sofrimento atrás de um belo sorriso  
Para conseguir vencer faz tudo que é preciso.  
Até mesmo deixar seu sertão tão bonito,  
Pois aqui estão as maiores belezas que o Brasil pode ter:  
Tem dunas, praias, cachoeiras, você precisa ver.  
A diversidade cultural você vai encontrar,  
De um povo que encanta só mesmo em falar  
“Oxente” é a palavra comum de se ouvir  
E outras “lorotas” que te fazem sorrir.  
Um forró pé de serra com a morena arrumada  
Não pode faltar depois de uma semana puxada,  
Um cuscuz de milho cedo para fortalecer,  
Aguentar o rojão que seu dia vai ser.  
Mas se tem uma folga não pode faltar um cafezinho,  
Contando histórias na calçada com vizinho  
E dessa conversa, com sorte, até saem versos  
Daqueles repentinos que fazem sucesso.

Um desafia o outro a seu verso rimar,  
E sem perceber nem veem o tempo passar,  
Nordeste de riqueza,  
Me orgulho dizer:  
Sou dessa região e aqui vou permanecer.



## Lajedo do Pau D'Arco

*Hamurabe José Batista Flores*

“Vou me embora pro sertão  
Que eu aqui não me dou bem  
Oh viola, meu bem, viola.”

Vou embora pro Lajedo  
Viver na caatinga em flor.  
Vou embora pro Lajedo  
Em busca de um amor.

Vou embora pro Lajedo  
Pra ser vizinho da viúva de ioiô,  
Vou embora pro Lajedo  
Casar com Rosa Flor.

Vou embora pro Lajedo  
Fazer cerca de quiabento,  
Vou embora pro Lajedo  
Andar montado em um jumento.

Vou embora pro Lajedo  
Para ouvir cantoria,  
Vou embora pro Lajedo  
Certamente algum dia.

Vou embora pro Lajedo  
Aqui eu não volto mais.  
Vou embora pro Lajedo  
Para viver em paz.

Vou embora pro Lajedo  
Pisar sobre o chão vermelho,  
Vou embora pro Lajedo  
Ver a lua do terreiro.

Vou embora pro Lajedo  
Desculpe-me de quem não despedir,  
Vou embora pro Lajedo  
Pois assim o destino quis.

Vou embora pro Lajedo  
Movido pela emoção.

Vou embora pro Lajedo  
Pois quem pede é o meu coração.

Vou embora pro Lajedo  
Para as coisas simples da vida,  
Vou embora pro Lajedo  
Pois esta é a minha sina.

Vou embora pro Lajedo  
Com seca ou com chuva,  
Vou embora pro Lajedo  
Minha opinião não muda.

Vou embora pro Lajedo  
Fica aqui esta missiva,  
Vou embora pro Lajedo  
Quem quiser que me siga.

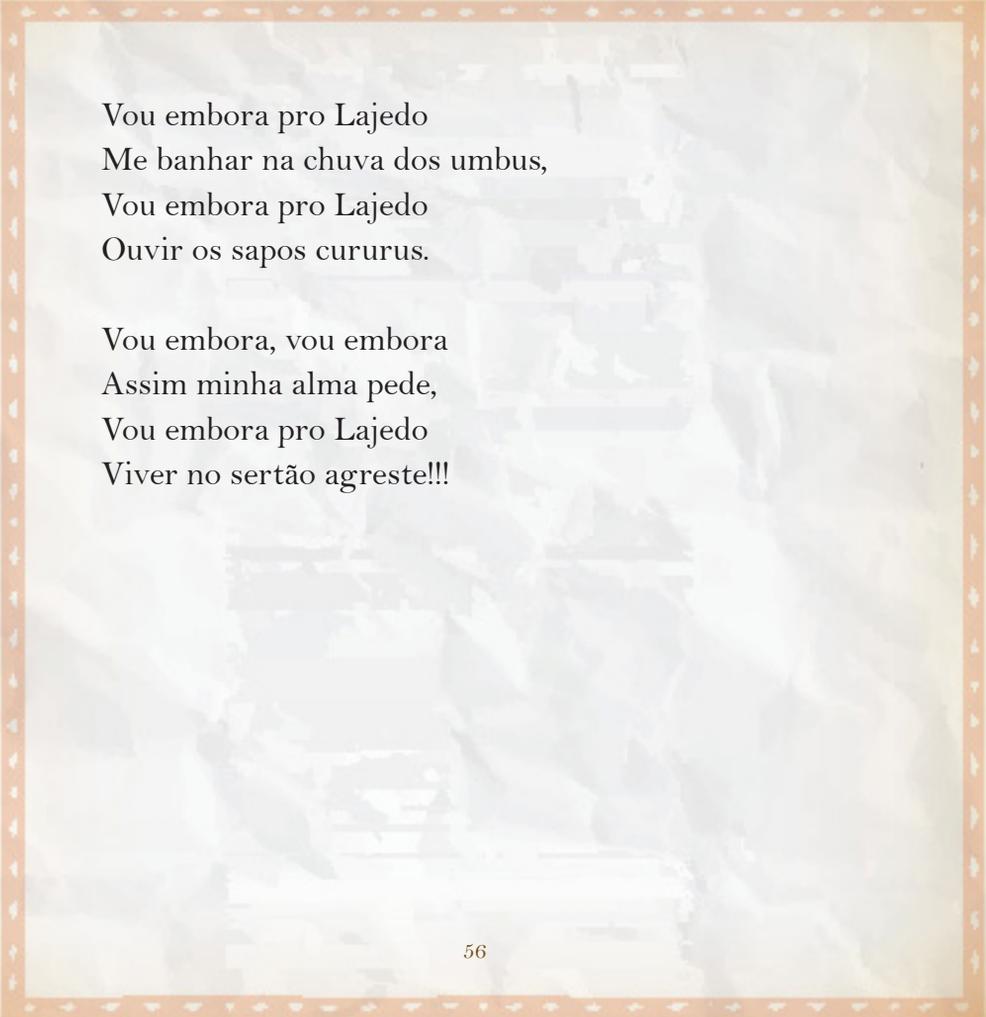
Vou embora pro Lajedo

O pé já está no caminho,  
Vou embora pro Lajedo  
Receber muito carinho.

Vou embora pro Lajedo  
Escutar o som do chocalho,  
Vou embora pro Lajedo  
Ouvir o cantar do galo.

Vou embora pro Lajedo  
Pra ser benzido por Mãe Preta,  
Vou embora pro Lajedo  
Brincar no Bloco dos Caretas.

Vou embora pro Lajedo  
Sentar à sombra da algaroba,  
Vou embora pro Lajedo,  
É verdade, eu vou embora.



Vou embora pro Lajedo  
Me banhar na chuva dos umbus,  
Vou embora pro Lajedo  
Ouvir os sapos cururus.

Vou embora, vou embora  
Assim minha alma pede,  
Vou embora pro Lajedo  
Viver no sertão agreste!!!



## *Sou nordestino*

*Hamurabe José Batista Flores*

Sou um cabra da peste,  
Sou filho do sertão.  
Sou homem de fé,  
Devoto do Padre Cícero Romão.

E também tenho a coragem  
De Virgulino Lampião.  
Sou Canudos, sou jagunço,  
Sou tiro de canhão.  
Sou lenda, sou fato,  
Nesta imensa nação.

Sou Palmares que clama  
Por libertação.  
Sou índio, sou negro,  
Sou guiado pela razão.  
Sou vaqueiro apaixonado  
Por festa de apartação,  
Sou o couro das cabras  
Das caatingas do sertão.

Sou pandeiro e embolada,  
Sou vela de procissão.

Sou peleja e poesia,  
Sou o voo do gavião.  
Sou chumbo de espingarda,  
Sou o latido do cão.

Sou velho, sou moço,  
Rapadura e requeijão.  
Sou cachaça e forró,  
Sou fogueira de São João.  
Sou a chuva que cai,  
Sou a seca do sertão.

Sou panela de barro,  
Sou as mãos do artesão.  
Sou a roça de milho,  
Sou o pé de feijão.  
Sou o amor que existe  
Em todo coração.

Sou alpercatas de couro.  
Sou o galo que canta no terreiro,  
Sou também o chapéu de palha  
Que cobre a cabeça  
Do irmão  
Sertanejo.

Sou farinha de mandioca,  
Sou poeira deste chão.  
Sou os calos dolorosos  
Que o trabalhador tem nas mãos.  
Sou a crença viva,  
No pai da criação.

Sou o leite das vacas,  
Sou a constelação.  
Sou as árvores da mata,  
E do vaqueiro sou o gibão.

Sou o juá imponente,  
Sou as bênçãos da nação.

Sou literatura de cordel  
Nos legada por Portugal.  
Sou também Camões  
No sentido cultural.  
Eu sou o descobridor  
Pedro Alvares Cabral.

Sou o martírio do nortista,  
Sou Coronel Antão.  
Sou a plantação de cana  
Do engenho São João.  
Eu sou a asa branca  
De Luiz Rei do Baião.

Sou alforje surrado,

Sou as botas do caçador.  
Sou as pegadas da onça,  
Passarinho que voou.  
Sou Casa Grande e Senzala,  
Sou escravo e sou senhor.

Sou chocalho de cascavel,  
Sou o bravo leão do Norte.  
Sou Antônio Conselheiro,  
Sou homem de muita sorte.  
Sou o corte do facão,  
Sou um sertanejo forte.

Sou reza, sou ladainha,  
Sou o vaqueiro a aboiar,  
Sou um rio caudaloso  
Que desemboca no mar.  
Sou um santo milagroso,  
Sou água de batizar.

Sou mistério absoluto,  
Enigma que não se  
Pode decifrar.  
Sou o cajado que guia,  
Sou da noite o luar,  
E sou o verbo amar.

Sou chama incandescente,  
Sou relíquia, sou o ar.  
Sou moda de viola,  
Sou o canto do carcará,  
Sou filosofia, sou a semente  
A germinar.

Sou mandacaru,  
Do tempo sou a história.  
Sou jangada perdida

Nas ondas que se desdobram.  
Sou moeda antiga,  
Sou corda de viola.

Sou macaxeira,  
Baião de dois e munguzá.  
Sou cuscuz e tapioca,  
Acarajé e abará.  
Sou a pamonha da roça,  
Sou dendê e vatapá.

Sou capoeira, gingado.  
Batuque e afoxé,  
Sou filho de santo  
Feito no candomblé.  
Sou a Bahia que tem,  
O corpo de mulher.

Sou Sergipe, Alagoas,

Pernambuco e Piauí.  
Sou Maranhão, Paraíba,  
Ceará, Quixeramobim.  
Sou a voz de quem canta  
Nesta pátria sem fim.

Sou o verso do cantador  
Da poesia popular.  
Sou amansador de poldros,  
Sou cova de sepultar.  
Sou o sino da igreja  
Que não cessa de soar.

Sou a tenda dos milagres,  
Sou raiz para se curar,  
Sou medicina alternativa,  
Sou a proteção do lar.  
Sou a imagem benta

Parada no altar.

Sou capítulo e versículo,  
Palavra para salvar.  
Sou as chagas de Jesus Cristo.  
Sou almoço e jantar.  
Sou o pão cotidiano  
Que o faminto quer devorar.

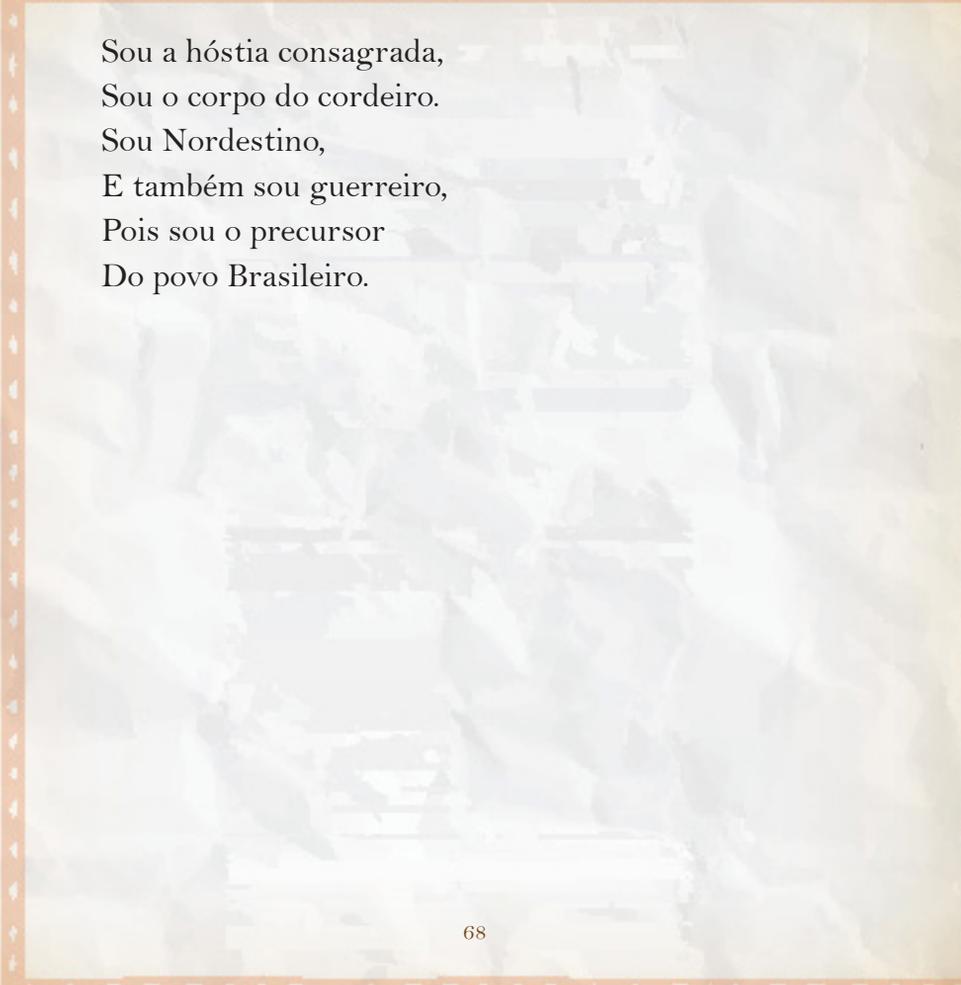
Sou a canoa que vence  
A correnteza do rio.  
Sou o sol escaldante,  
E sou também o frio.  
Sou arquitetura gótica,  
Que o homem definiu.

Sou Deus, sou homem,  
Sou anjo, sou diabo,  
Sou tudo, sou nada.

Sou verbo encarnado,  
Sou alma que habita  
O corpo de pecados.

Sou as grandes expedições  
Das terras além-mar.  
Sou a cruzada do Conselheiro,  
Sacrifício sem altar.  
Sou um velho bacamarte  
Que ninguém quer atirar.

Sou tudo e nada sou,  
Sou as terras do sem fim.  
Sou livre como os pássaros  
Que voam nos jardins.  
Sou criatura divina  
E sou nordestino sim.



Sou a hóstia consagrada,  
Sou o corpo do cordeiro.  
Sou Nordesteino,  
E também sou guerreiro,  
Pois sou o precursor  
Do povo Brasileiro.



Releitura da fábula:  
*O fim do mundo*

*Ian Luís*

Autor original desconhecido

Lá se ia a galinha, coitadinha, abatida pelo sol escaldante, sem beber água há muito tempo, não apenas porque no Nor-

deste a água é escassa, mas também por inadimplência do seu cuidador.

Exausta e já com sintomas de insolação, resolveu descansar na sombra de um limoeiro, que era sempre muito bem aguado, com grandes e formosos limões em um belo tom amarelado.

A galinha, depois de ciscar no chão, deitou-se com a barriga para baixo, eis que um “limãozão” despenca por estar muito maduro, acertando justamente na cabeça da pobre galinha, poofftt.

— POOCÓÓ! O que é isso, pelo amor de Deus!

Ao olhar em volta, logo ela avista um objeto amarelo e aproximadamente esférico, então munindo-se de todas as suas capacidades dedutivas, ela interpreta essa situação e chega a uma elementar conclusão. O céu está caindo!

— POOCÓ! Chega! Chega! Meu Deus do céu! É o fim do mundo.

A galinha desata a correr pelo sítio afora, levando as más notícias, logo ela se encontra com o galo do terreiro.

— Corra, galo! Corra! O fim do mundo vem aí!

O galo, sem entender muita coisa, toma uma posição.

— COOCORICÓ! Acalme-se mulher!

Mas a galinha não lhe dá ouvidos e segue seu caminho na missão de informar todos os animais do galinheiro, logo encontra o pato.

— Amigo pato, corra que o céu está caindo, o mundo vai se acabar!

Vendo o alvoroço e reparando que o galo vinha correndo lá atrás, o pato também desata a gritar e correr ao lado da galinha.

— Qua! Qua! Qua! Qua! Qua! O céu tá caiiiiiindo!

Na sequência, encontram o pavão, o mais formoso de todos os integrantes do galinheiro.

— POOCÓ! Pavão, tá caindo bola de fogo do céu, o mundo vai se acabar!

O pavão, assim como o pato, é levado a acreditar na informação, porque afinal de contas, se todo mundo está dizendo a mesma coisa, então deve ser verdade.

— Hhoo céus! Eu sou tão belo e jovem para morrer queimado, logo hoje o mundo vai se acabar.

Na espreita como de costume, lá estava a astuciosa raposa, observando a bicharada num fuzuê grande, quando vê a galinha correndo em sua direção.

— Humm, parece que hoje tirei a sorte grande, a galinha está vindo em minha direção, parece até que ela não pode me ver e esse esconderijo nem é um dos melhores. Hum uma galinha assada, passada na casca do alho, só de pensar já dá água na boca.

Enquanto a raposa pensava em como iria temperar a sua janta, a galinha, contra todas as suas expectativas, grita para a raposa.

— Caiu uma bola de fogo na minha cabeça! O mundo vai se acabar! Fuja!

A raposa demorou para entender, mas nem a galinha nem as outras aves pareciam estar com medo da raposa hoje, então pela primeira vez na vida, a raposa foi andando até o galinheiro ainda de dia.

Lá o galo cantou.

— COOCORICÓÓÓ!!! Ordem! Ordem no galinheiro!

Todos se aquietaram, estavam ali, presenças ilustres como

o seu peru, o ganso manso e a galinha d'angola, vulgo guiné.

O seu peru preside a assembleia do galinheiro, primeiramente dá a voz para a galinha, que conta aos berros para todos o que ela presenciou, suas palavras bombásticas deixam quase todos chocados.

A raposa agora observa de perto, escutando atentamente, quando o galo pede a vez para falar.

— COOCORICÓ! Meus amigos, isso é apenas alarde da galinha, vamos voltar às nossas vidas normais.

Mas a raposa muito esperta já tinha um plano em mente, então se intromete.

— Se me permitirem dizer, estou do lado da galinha. Não só isso, como vim aqui justamente para avisar vocês que o mundo está acabando e por sorte eu conheço um esconderijo onde todos nós podemos nos proteger para sobreviver ao fim do mundo.

O galo retruca.

— COCORICÓ! Vá embora daqui, raposa ardilosa! Ninguém vai com você para lugar nenhum!

— Cala o bico, seu cabeça de milho! Ou você quer virar churrasco?

Discussão vai e discussão vem, os dois estão em um impasse, eis que o seu peru propõe uma votação. Todos no galinheiro terão direito a um voto e duas opções: votar no galo, escolhendo assim permanecer no galinheiro, ou votar na raposa para que todos possam ir para o abrigo e sobreviver ao fim do mundo.

O seu peru começa falando.

— Glugluglu! Antes de começarmos a votação, as duas partes deverão debater sobre o tema, trazendo seus argumentos e, por fim, todos os bichos de penas poderão votar. Isso, meus amigos, é uma democracia. Começaremos escutando o galo.

— COCORICÓ! Meus amigos, acalmem-se todos! Se olharem para o céu, todos podem ver que não há nada caindo dele. E digo mais, sempre que cai alguma coisa do céu, a gente aqui embaixo festeja porque é chuva.

O murmúrio entre os presentes começa a fervilhar e o pavão pede a voz.

— É como você disse, meu amigo galo. Do céu sempre cai chuva, mas por que a chuva não pode ser de fogo dessa vez?

— COCORICÓ! Meu caro pavão, eu nunca vi cair fogo do céu.

O murmúrio começa entre os bichos, então a raposa logo pede a palavra, já arquitetando um plano infalível.

— Qualquer um pode ver que é muito mais fácil chover fogo do que água.

— Qua! Qua! Você está louca, raposa?

— Claro que não, meu saboroso... quer dizer, valoroso pato. Veja, todos nós vemos a água correr nos rios e flutuar no açude, e de uma maneira inexplicável ela também cai do céu, sendo que quando a gente olha para cima, não vemos nem um açude e nem um rio lá no céu. De onde vem a água, eu não sei, mas ela vem. Agora, se você prestar atenção, o sol é uma bola de fogo, então acho que é muito fácil que o sol vaze e derrame fogo na gente.

— COCORICÓ! Dona raposa, até pode ser, mas isso nunca aconteceu antes.

A galinha se manifesta.

— É claro que aconteceu! Caiu uma bola de fogo na minha cabeça, pó pópópó.

— COCORICÓ! Mas também só caiu uma. Isso não quer dizer que o mundo vai acabar.

A raposa aproveita a situação.

— E quem disse que só caiu uma bola de fogo? Hoje mais cedo, caiu uma bola de fogo na minha cabeça também.

Todos ficam chocados, então a raposa continua.

— Mas por sorte, eu conheço um lugar onde posso me esconder do fim do mundo. Se vocês quiserem, podem vir comigo.

Rapidamente todos começam a concordar, balançando as cabeças e falando palavras de afirmação.

— Tôfraco! Me parece uma boa ideia.

— Qua! Os seres humanos poluem o mundo, e nós que pagamos o pato.

— Hoo céus, deve ser melhor do que morrer queimado.

O galo intervém.

— Esperem todos, não podemos confiar nela. É uma raposa,

afinal de contas.

A raposa retruca.

— Nesse momento, temos que deixar as nossas diferenças de lado, galo. Devemos pensar no futuro de todos.

— Eu estou pensando no futuro de todos, sem pataquada! Não quis ofender, amigo pato.

— Qua! Não ofendeu.

A votação acontece e, por unanimidade, a raposa vence. Então, todos do galinheiro seguem ela até chegarem em sua toca, onde todas as aves entram e se estabelecem. A raposa, na porta de sua casa, diz.

— Eu tenho um conselho para vocês: não confiem em qualquer um, pois qualquer um pode te dizer uma notícia falsa. E uma notícia falsa é o suficiente para te levar à força. Muuhahaha!

A raposa tranca a porta e continua seu monólogo.

— Agora eu vou me preparar para o banquete... banquete não. Se eu me controlar bem, posso ter comida por uma semana ou até um mês.

Adaptado por Ian L. G. Macêdo.



# Beleza Nordestina

*Jordana Pires*

Na diversidade me encontro  
Entre o povo, eu festejo,  
Seja para o Reisado ou o Frevo  
Eu já nasci pronto.

Nas linhas também escrevo  
Ariano<sup>1</sup>, Rachel<sup>2</sup>, Itamar<sup>3</sup>  
Com eles, eu percebo,  
Nordestino sabe criar.

A literatura de Cordel  
Poemas no papel,  
Entre o Oxente e o Oxalá  
Nas festas de Iemanjá.

Celebrando o Nordeste  
Neste poema, cabra da peste.

<sup>1</sup>Ariano Vilar Suassuna, nasceu na Paraíba em 1927 e foi autor de importantes obras, sendo a principal delas a peça teatral “O Auto da Compadecida.”

<sup>2</sup>Rachel de Queiroz, nasceu em Fortaleza em 1910 e foi uma importante dramaturga brasileira, sendo a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Seu primeiro e mais popular romance foi o livro “O Quinze.”

<sup>3</sup>Itamar Vieira Junior, nasceu em Salvador em 1979, é autor do romance “Torto Arado”, o qual já é considerado por muitos, um clássico contemporâneo.



## O Primeiro Cearense<sup>4</sup>

*Jordana Pires*

Na mata selvagem, corria Iracema  
Deusa-mulher a desabrochar,  
Bem distante da borborema<sup>5</sup>  
Irapuã foi o primeiro a lhe amar.

Mas a onda do mar trouxe o estrangeiro  
Que a envolveu com furor e paixão,  
Em Aupaba<sup>6</sup> do povo brasileiro,  
Moacir<sup>7</sup>, primeiro cearense, nasceu dessa união.

O Nordeste foi seu berço inteiro  
Tantas terras para desbravar,  
Na jangada, Martim foi certo  
Deixou Aisó<sup>8</sup> Iracema, a observar.

Carbiniano<sup>9</sup> eternizou Abaetetuba<sup>10</sup>,  
Na estátua, as fases da lua.

<sup>4</sup>Na obra, a autora homenageia o romance escrito por José de Alencar – Iracema, publicado em 1865.

<sup>5</sup>Significa lugar sem pessoas, deserto – Termo Tupi.

<sup>6</sup>Terra de origem – Termo Tupi.

<sup>7</sup>Moacir que é citado no soneto é considerado, mitologicamente, o primeiro cearense e o primeiro brasileiro miscigenado. O nome provém do termo tupi “moasy”, que significa “arrependimento”, “inveja”.

<sup>8</sup>Formosa – Termo Tupi.

<sup>9</sup>Artista que criou a estátua de Iracema.

<sup>10</sup>Lugar cheio de gente boa – Termo Tupi; também uma cidade do estado do Pará.



## *Moça apaixonada*

*José Edson Lima Bento*

Eu cachiada na bera do fogão,  
Judiada, cheia de caivão.  
Tô cumendo o pão  
Que o diabo amassô,  
E honestamente já tô

Com abuso de pão.

Sem arrudeio,  
Vamu tirar o diabo do meio  
Que ruim eu num sô não.  
É que a vida tem me ensinado  
Que baião de dois se faz  
Com arroz e feijão.

Eu sô cachiada,  
Mas vamú deixá de falá  
De fogão e de caivão.  
Eu num tô judiada  
E muito menos abandonada,  
É só a vida me dando uma lição.

Sei que me julgam  
E me oiam atravessada,  
Eu num me importo não.

Por eu ser calada  
Acham que num sô capaz de nada,  
Com eu num se ingane não.

Sô capaz de muita coisa  
Que ocê nem imagina,  
Num se engane com meu  
Jeito de minina,  
Pois ocê num conhece  
Meu coração.

Num sô nada abestada,  
Sô flô na bera da estrada  
Esperando ser colhida e amada.  
Também sô quente feito brasa,  
Uma moça apaixonada  
No meio desse sertão.



## Mãe

*José Edson Lima Bento*

A terceira filha de dez irmãos  
Logo viu: 'A vida não é fácil não!'.  
Mesmo sendo só uma menina, desde cedo  
Trabalhar se tornou seu principal brinquedo.

Uma panela de barro, água de pote

E uma mala de madeira, sem dote,  
Formavam toda a sua mobília.  
Tão jovem casava constituindo família.

Leal e companheira, esforços não media,  
Essa guerreira já foi louceira e faxineira,  
Até hoje sustenta a casa sendo lavadeira.  
Ela de tudo fazia para alimentar suas crias.

Eu, primeiro de três crias crescia e via,  
Suor dela escorrendo o jogo de cintura.  
Aquela mistura de muita força e graça,  
Com uma trouxa de roupa na cabeça.

Vem de ti minha maior inspiração moral,  
O amor mais sublime em jogo não se põe.  
Seu valor inexcedível e imaterial é sem igual,  
O ser mais divino és a senhora, minha mãe.



# *A migração do povo nordestino*

*Juliana Bilu*

Quis o destino,  
Que uma pequena parcela  
Do povo brasileiro fosse nordestina,  
Cerca de sessenta milhões de habitantes,

Porém muitos deles vivem momentos conflitantes.  
Seja por falta de moradia  
Ou até mesmo a falta de emprego,  
Tirando destes moradores  
A paz e o sossego.  
Entre os estados em que mais recebem o povo nordestino,  
Podemos destacar São Paulo, Pará e Goiás,  
Povo insatisfeito com as condições de vida,  
Que busca algo mais.  
Seja condição financeira ou social,  
O povo nordestino enxerga na migração  
A busca de uma felicidade verdadeira.



## *Nordestina*

*Luciana Nascimento*

*“Olha pro céu, meu amor” ...*

As bandeirolas,

As doces músicas das quadrilhas

Do meu querido Nordeste!

Quando era tempo de São João  
No mês de junho,  
Sempre havia um terreiro limpo,  
Bem varrido, milho assado,  
Bolos variados, doces, cocadas,  
Roupas coloridas,  
E alguém que “gritava” uma quadrilha.  
Em qualquer bairro de minha pequena cidade,  
Onde a vida era tão calma!  
Onde eu tive minha infância feliz,  
Com meus pais, com meus irmãos.  
E onde a minha adolescência  
Ainda existe em mim.

No quintal cheio de sombras de árvores  
Frutíferas,  
Ah! Os amados cajus-verdadeiros da minha infância!  
Pés de goiaba, mangas, pés de limão e até romãs!

As galinhas lá no fundo...  
Os jabutis, os porquinhos-da-índia,  
Meus cachorros Turco, Sazuky e Lesse...  
Nossa seriema Catarina  
Com seus lindos olhos e seu canto!

Enfim, o tempo sempre passa!  
E aqui estou adulta,  
Tentando entender a vida!  
Mistério inatingível!  
Não sei se é viagem astral,  
Mas em meus sonhos,  
Visito sempre minha casa e meu quintal.



# Brincadeiras

*Luciana Nascimento*

Brincar de roda,  
Guabiraba,  
O cravo brigou com a rosa.

Lendas  
Não-se-pode,

Cabeça-de-Cuia,  
Cuidado, menina!  
Pau-de-lata,  
Queimado:  
Eu sou canhota,  
não me deixavam brincar  
De queimado.  
Pular elástico,

Barra- bandeira,  
Andar de bicicleta.

Mas as vozes e as risadas  
Já se apagaram,  
E hoje só restam  
As lembranças  
De um tempo feliz!



## *A mulher nordestina*

*Márcia Silva*

A nordestina tem vida dura,  
Mas também tem vida digna.  
Não tolera frescura,  
Com safadeza se indigna.  
Acredita que o mal tem cura,  
Virando mulher ainda menina.



## Crente Nordestino

*Marcos Viana*

Na estrada, bíblia nas mãos, adoração  
Caminhada longa de fé no peito,  
Crente Nordestino é desse jeito  
Esta cabra da peste, luz no coração.

Estilo de vida mesmo na sequeidão  
Tens seu amor, é crente eleito,  
Tens visão seu fruto, seu pleito  
Adora ao Senhor da provisão.

Esta cabra com sua inquietude  
Firmeza no que faz para Deus,  
Total dependência, solicitude.

Assim vai firmando pés seus  
Com total resiliência, atitude,  
Sem vacilar os santos pés teus.



## *Meus nove irmãos*

*Marcos Viana*

Vem minha Bahia água de coco, sorriso no rosto  
Nosso Maranhão arroz de cuxá, o mar, um céu anil,  
Chegando meu Ceará, amizade boa no ar, disposto  
A convidar nosso Piauí, o amor é aqui, banho de mar.

Pernambuco, amar você é meu tudo, vem ser feliz  
Também amigo Rio Grande do Norte, cabra forte,  
Paraíba meu bem querer, o rubicão saboroso  
Nosso Sergipe é parceiro, gentil brasileiro.

Alagoas por todos os lados, a felicidade mora aqui  
Obrigado meu Deus, por esses nove irmãos tão amados,  
O Brasi nasceu aqui, a primeira oração também aqui.

Deus continue guardando meu Nordeste brasileiro  
Somos fortes, somos guerreiros, paz, amor, luz,  
Somos alegres, somos gratos, amamos a Jesus.



## Cheiro de Maria

*Maria da Conceição Marques*

Ó Maria, minha musa d'amor,  
A ti entrego em versos singelos,  
A tela límpida de teu encanto,  
Estratagema do teu perfume.

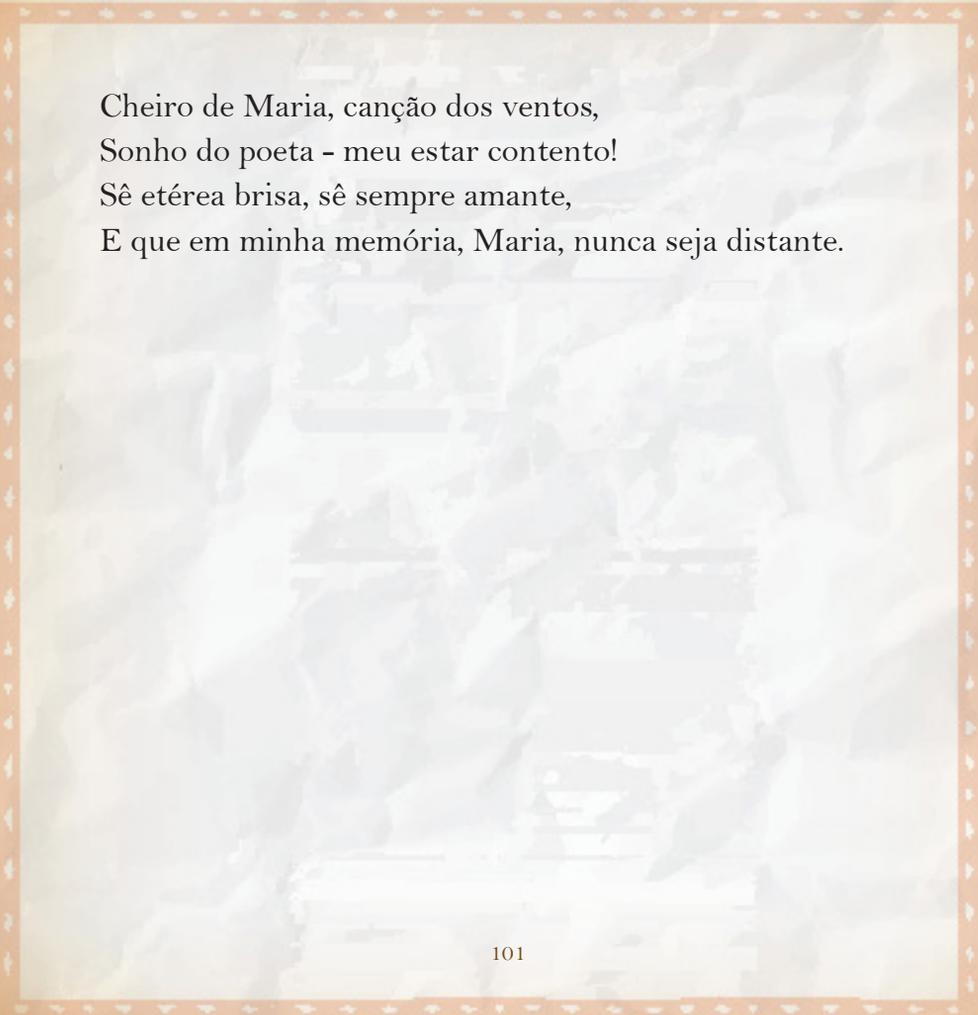
Respiro com anseio o sumo aroma,

Desse manto invisível que me embriaga,  
Teu cheiro, divino encantamento,  
Como o lírio no prado solitário que se esfrega.

O suave néctar de tua essência,  
É bruma que se espalha no âmago da manhã,  
Cheiro de Maria - doce poesia,  
Vivo entre as páginas de minha escrita.

Quantas vezes perdi-me em teu perfume,  
Relíquia divina, tesouro sem par.  
Exala, exala, odor do meu delírio,  
Labirinto suave por onde sempre hei de me achar.

Oh! Maria, cheiras à vida em flor,  
Inebriantes arestas de um amor pueril.  
A tua essência se faz itinerante,  
Eleva meu ser, para além do vil.



Cheiro de Maria, canção dos ventos,  
Sonho do poeta - meu estar contente!  
Sê etérea brisa, sê sempre amante,  
E que em minha memória, Maria, nunca seja distante.



## *Viagem pelo Nordeste*

*Maria da Conceição Marques*

Nas terras do Nordeste desperto,  
De sol rijo e palmeiras sem fim,  
Onde o Sertão, por Deus coberto,  
Se estende até onde a vista não tem fim.

Deus lhe deu um sol ardente,  
Terra quente, de feições bravias,  
Mas o sertanejo é valente,  
E sem receio enfrenta seus dias.

Oh, linda caatinga, amada terra,  
Rios secos, flores de espinho,  
Este é o solo que a vida encerra,  
É o meu Brasil, é o meu caminho.

Cipós enlaçados, árvores cinzentas,  
A lua nasce, soberana e bela,  
Universo de várias tormentas,  
E a noite no Nordeste é mais amarela.

Nestas terras de grande contraste,  
Vejo a beleza do Brasil a expandir,  
No Sertão, onde a vida é árdua e vaste,

Onde um povo feliz aprendeu a sorrir.

Oh, Nordeste tão amado,  
De poetas, vaqueiros e canção,  
Teu povo cantarolado,  
És a alma desta grande nação.



## *Catarina Mina*

*Maria da Conceição Marques*

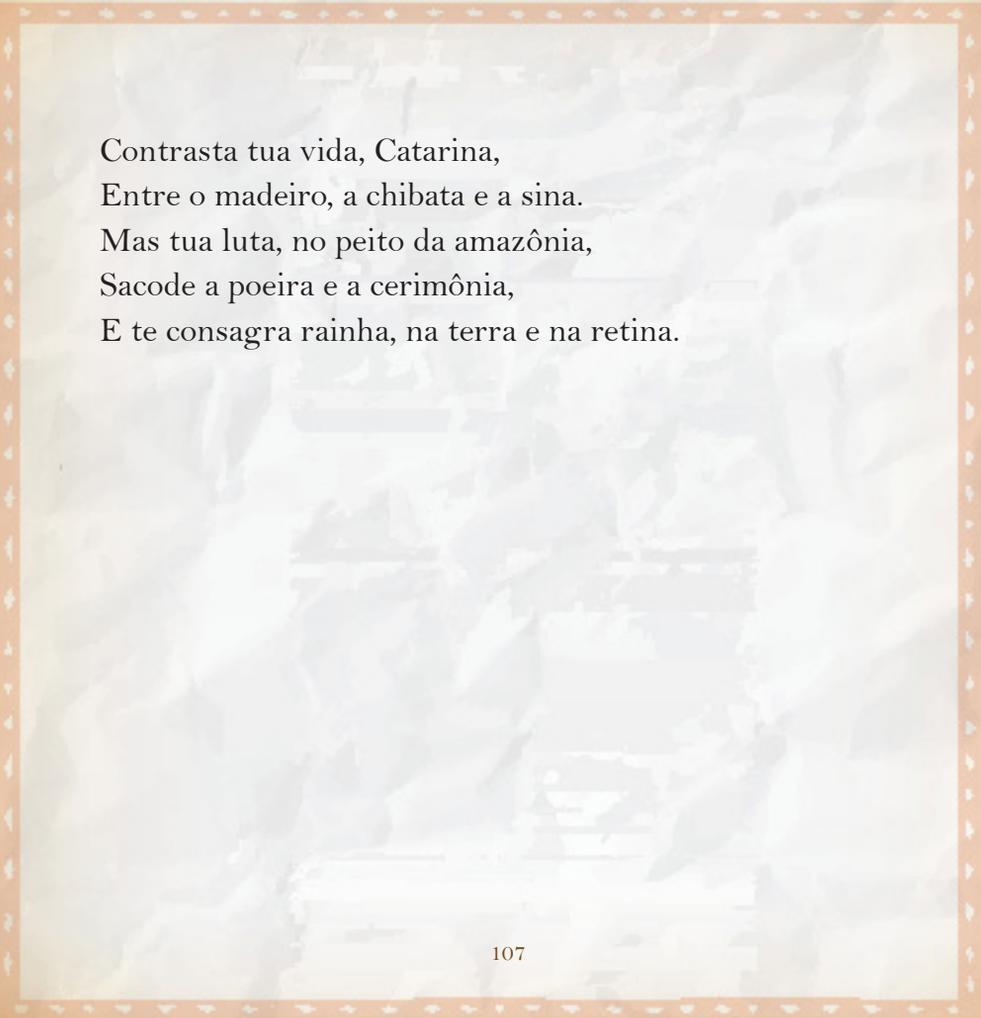
Em bravura, a negra Catarina,  
Afaga os anseios de sua sina.  
Ó Mina, d'África a desventura,  
No grillhão, foste ternura,

Mas em teus olhos, a esperança divina.

Ó flor de ébano do Maranhão,  
A salvo guardas um grão,  
No seio de tua cria, alforriado,  
Ali começa um novo reinado.  
Deste chão, sendo estranha, te tornas irmão.

Nos teus cabelos o sol poente,  
Nas tuas lágrimas, o mar fremente.  
E na cor de tua tez amorenada,  
Fortaleza bravia e delicada,  
Doce Mina, nome forte, eternamente.

Ainda que a terra te seja madrasta,  
Ainda que o chicote sobre ti se arrasta.  
No coração tens liberdade plena.  
És guerreira, ébano- rainha Serena,  
O aço do teu peito nunca gasta.



Contrasta tua vida, Catarina,  
Entre o madeiro, a chibata e a sina.  
Mas tua luta, no peito da amazônia,  
Sacode a poeira e a cerimônia,  
E te consagra rainha, na terra e na retina.



## O meu Nordeste

*Maria Vitória de Oliveira Afreu*

No Nordeste, para muitos,  
Só é seca e solzão,  
Mas na verdade aqui  
Não é só verão,  
Para falar a verdade  
Aqui é mais que solzão,  
É a pureza de todos  
Que fazem parte do sertão.



# *Apologia ao Nordeste*

*Patrícia Ferreira da Silva*

MMeu sotaque é carregado  
Minha essência é segura,  
Tô entre 09 estados  
Que têm força na cultura.

Aqui o sol nasce primeiro

Não conheço brilho igual,  
Banhado pelo oceano  
Um belo e grande portal.

Aqui o olho português  
Trouxe o marco inicial,  
Porta de entrada que  
Nasceu no maior litoral.

Quando falo do Nordeste  
Tenho orgulho de dizer  
Berço que fez o Brasil  
Nove estados, venha ver.

Chegando no Maranhão  
Sente o balanço de perto,  
É o reggae na mistura  
Que a Jamaica toca certo.

No Piauí vou te levar  
Pra sentir a adrenalina  
Desse povo hospitaleiro  
Na capital Teresina.

Conhecer o Ceará  
É conhecer a firmeza,  
A força que tem o povo  
Da capital Fortaleza.

Em Natal vejo a coragem  
Sinto que o brilho é forte,  
Da capital do estado  
Rio Grande do Norte.

Pisando naquele solo  
Do povo paraibano,  
Em João Pessoa eu quase

Fico até o fim do ano.

E lá em Pernambuco  
Também fiquei encantado,  
A beleza que tem o frevo  
Me deixou impressionado.

Em Maceió fui conhecer  
O Caribe Brasileiro,  
Na praia de Maragogi  
Quase fico o mês inteiro.

Ah! meu Nordeste!  
Em Alagoas, tem forró,  
Contemplei o artesanato  
Da capital Maceió.

Em Aracaju, Sergipe  
Vale a pena conhecer,

Vem para a praia de Atalaia  
Contemplar o sol nascer.

Chegando em Salvador  
Bahia de um povo de fé,  
Uma Roma de Negritude  
Que saúda com Axé.

O Nordeste tem história  
Tem cultura no seu papel,  
Tem diversidade, arte  
Literatura de cordel.

Nordeste de um povo forte  
Clima quente em evidência,  
Irrigando atitude  
Por sua sobrevivência.

Nome que fez e faz história  
No forró, Xote e Baião,  
O imortal Luiz Gonzaga  
O artista do meu sertão.

A chuva é escassa  
O Sol daqui é agreste,  
Mas não desfaz a força  
Que tem o meu Nordeste.



## O Encontro de Almas: Nordeste e África

*Pau de Cabinda*

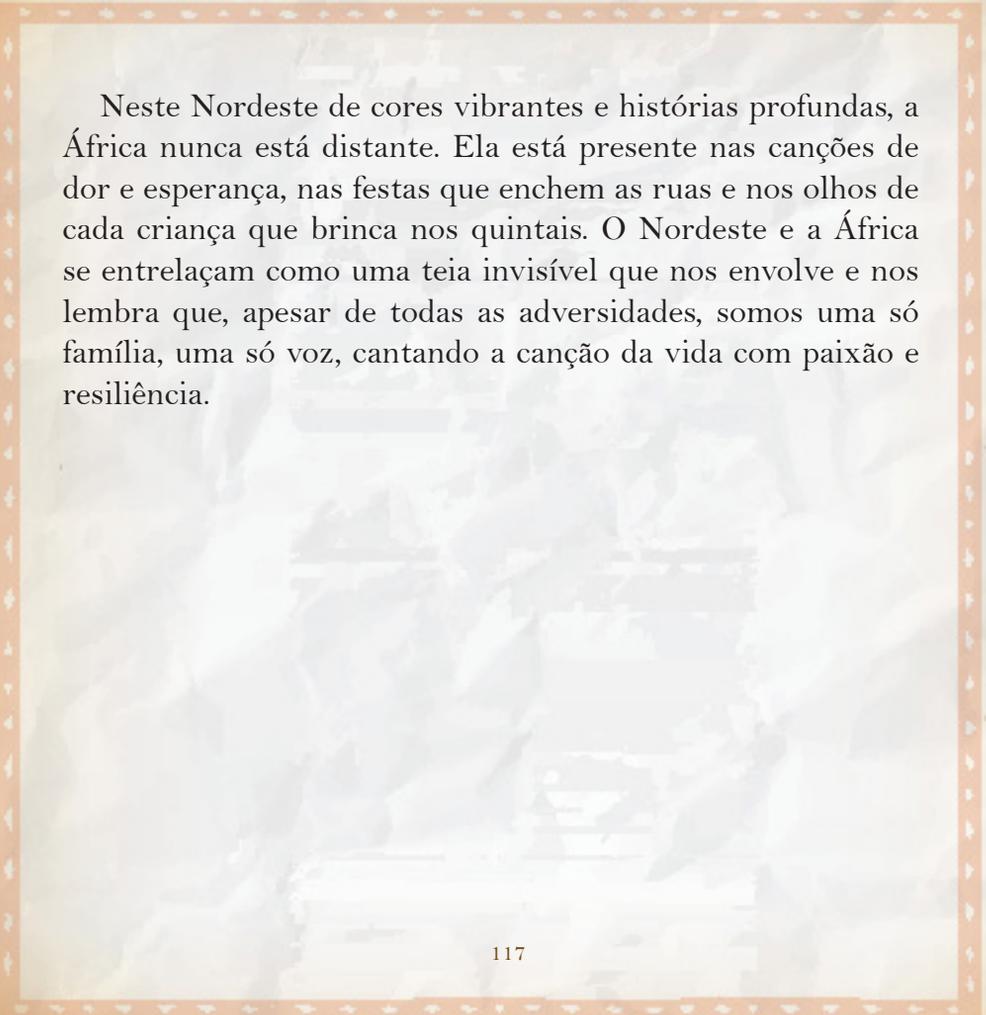
No coração do Nordeste, onde a terra é marcada pela aridez e o sol escaldante castiga os sonhos dos que nela habitam, existe uma ligação ancestral com a África que transcende o

tempo e o espaço. É como se as raízes daqueles que aqui nasceram se estendessem por todo o oceano Atlântico, alcançando a terra mãe da humanidade.

Nas feiras de Recife, Fortaleza e Salvador, o colorido das roupas e das frutas se mistura com o som dos tambores e o cheiro das especiarias, criando uma sinfonia de sentidos que nos leva de volta às aldeias africanas. É como se cada passo dado nessas ruas antigas fosse uma dança de celebração, uma reverência aos espíritos que nos guiaram até aqui.

A língua que falamos, o português, é um eco das línguas africanas que foram trazidos pelos nossos antepassados escravizados. Cada palavra, cada frase, é um tributo silencioso à resiliência daqueles que enfrentaram a brutalidade do cativo, mas nunca deixaram de preservar sua cultura e tradições.

No candomblé, no maracatu, na capoeira, vemos a continuação dessa herança. Os deuses africanos encontram morada nos corações nordestinos, e as danças e rituais nos lembram que somos todos filhos da mesma terra. A ancestralidade é um fio invisível que nos conecta, uma força que nos impele a celebrar a vida, a lutar pela justiça e a preservar nossa identidade única.



Neste Nordeste de cores vibrantes e histórias profundas, a África nunca está distante. Ela está presente nas canções de dor e esperança, nas festas que enchem as ruas e nos olhos de cada criança que brinca nos quintais. O Nordeste e a África se entrelaçam como uma teia invisível que nos envolve e nos lembra que, apesar de todas as adversidades, somos uma só família, uma só voz, cantando a canção da vida com paixão e resiliência.



## Mãe África e o Filho Poético

*Pau de Cabinda*

Nas entranhas do continente africano, onde os ventos sussurram segredos ancestrais e os rios contam histórias de tempos imemoriais, nasceu uma grandeza que se espalhou pelo mundo como um rio. África, mãe de cores e encantos, gerou filhos que em todos os cantos da Terra celebram a sua herança.

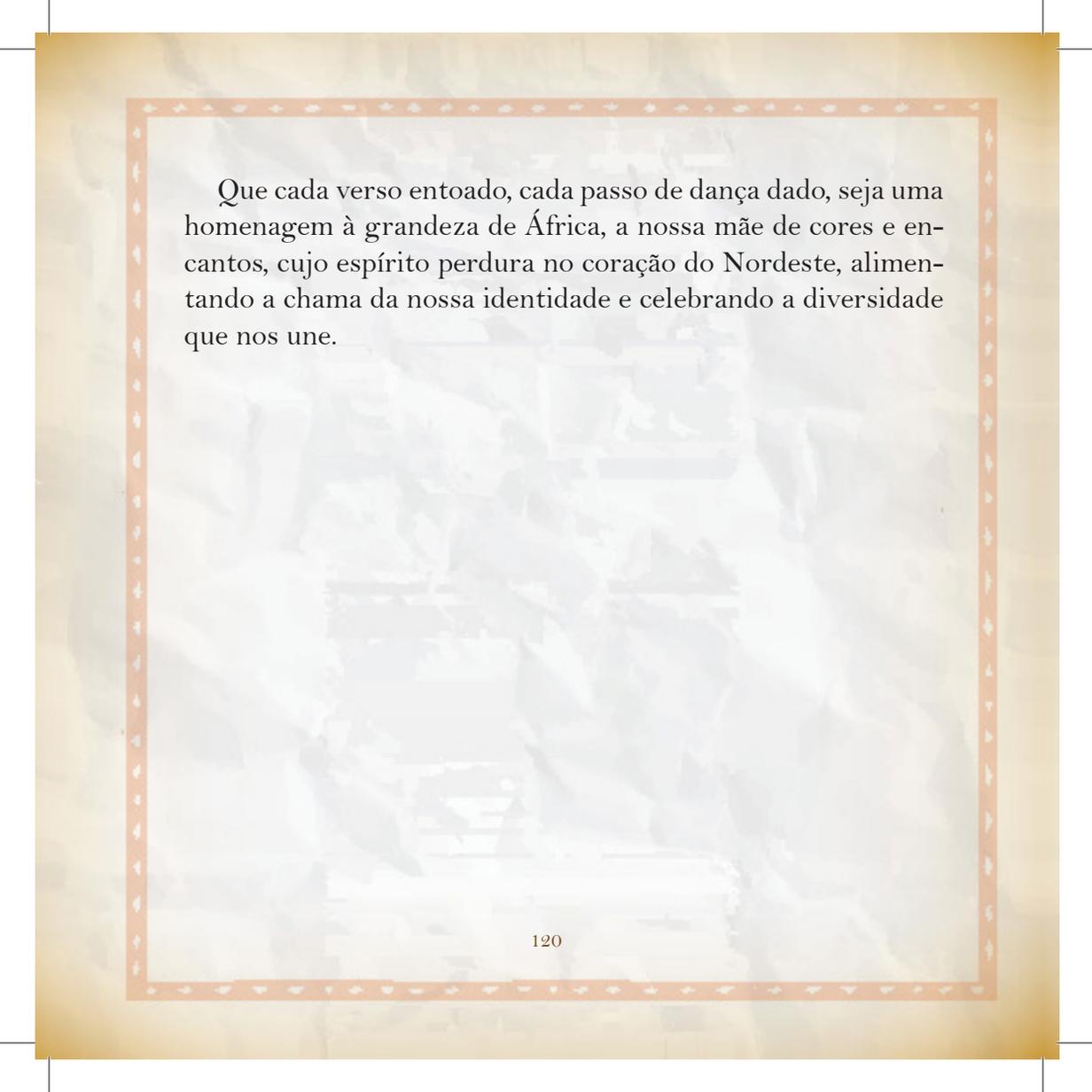
No Nordeste, esse filho poético de África, encontramos o

eco dessa grandeza. Como uma semente lançada ao vento, as influências africanas desembarcaram nas praias douradas e nas terras áridas dessa região, dando origem a um cenário de riqueza cultural e beleza incomparável.

As cores do Nordeste são um tributo à paleta diversificada de África, onde o azul profundo do mar se mistura com o verde exuberante da caatinga. Nas feiras e mercados, os tons vibrantes dos panos, das cerâmicas e dos temperos evocam a vivacidade das aldeias africanas, como se as cores tivessem viajado através dos séculos para se encontrarem aqui.

As melodias do Nordeste, permeadas de ritmos contagiantes e poesia fervilhante, são a melodia da alma africana que ressoa em cada berimbau e atabaque. Nas danças do frevo e do maracatu, nos versos de cordel, nas rezas do candomblé, sentimos a energia vital de África fluindo como um rio revigorante.

Assim, o Nordeste, filho poético da África, ergue-se como um tributo vivo à grandeza desse continente ancestral. Como um espelho que reflete as cores e os encantos, as dores e as alegrias, o Nordeste encontra na África a sua inspiração eterna, a sua força motriz, a sua conexão com a origem.



Que cada verso entoado, cada passo de dança dado, seja uma homenagem à grandeza de África, a nossa mãe de cores e encantos, cujo espírito perdura no coração do Nordeste, alimentando a chama da nossa identidade e celebrando a diversidade que nos une.



## *A Dança dos Sabores*

*Pau de Cabinda*

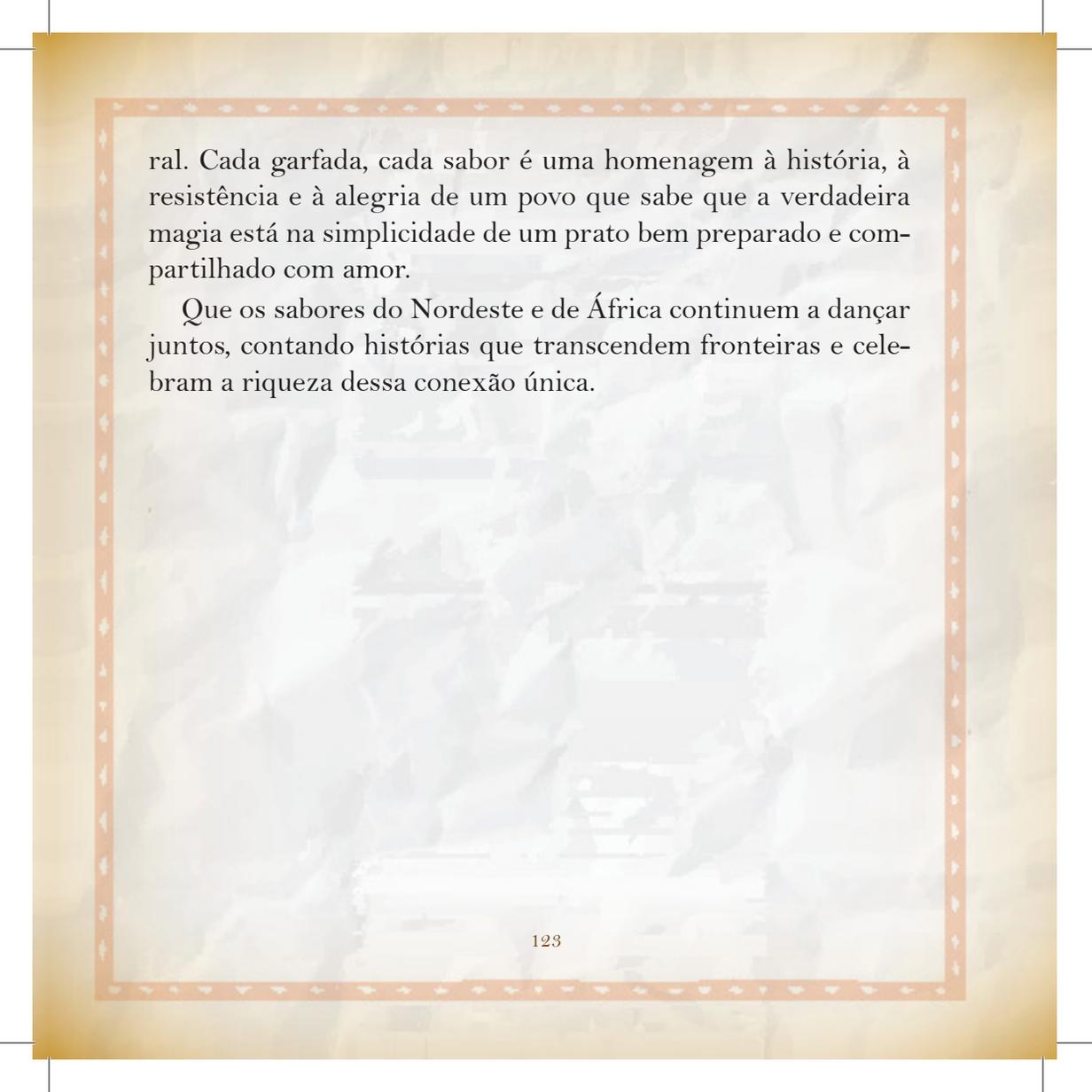
Nos recantos esquecidos do tempo, onde os segredos se entrelaçam com os aromas e os sabores, a gastronomia se torna uma dança mágica que une o Nordeste brasileiro à África distante. Aqui, onde a terra árida e generosa se encontra com o mar fértil e abundante, os pratos contam histórias antigas de um encontro entre continentes.

Os temperos exóticos que adornam as mesas nordestinas são uma celebração da herança africana. O dendê, o azeite de coco, o açaá, o inhame, todos eles são testemunhas silenciosas de uma viagem que cruzou oceanos e que encontrou abrigo nas panelas nordestinas. É como se cada prato fosse um elo que liga diretamente as cozinhas caseiras às aldeias africanas de outrora.

No acarajé, o bolinho dourado que derrete na boca, sentimos o calor da Bahia e o sabor do candomblé, como uma oferenda à Iemanjá. No vatapá, a cremosidade do coco e o toque picante do dendê nos transportam para as margens do rio Níger, onde os aromas se misturam com as canções tribais.

A carne de sol, as buchadas, o baião de dois, todos esses pratos típicos do Nordeste têm a sua raiz na riqueza culinária africana, onde a criatividade na cozinha é uma forma de arte. É uma dança dos sabores que nos faz sentir a ligação profunda entre essas duas terras distantes, mas inseparáveis.

Assim, a gastronomia se torna uma ponte que conecta o Nordeste à África, uma celebração da diversidade que enriquece o nosso paladar e nos lembra da força dessa ligação cultu-



ral. Cada garfada, cada sabor é uma homenagem à história, à resistência e à alegria de um povo que sabe que a verdadeira magia está na simplicidade de um prato bem preparado e compartilhado com amor.

Que os sabores do Nordeste e de África continuem a dançar juntos, contando histórias que transcendem fronteiras e celebram a riqueza dessa conexão única.



## 1 Só Povo

*Pau de Cabinda*

No coração do Brasil, onde o verde exuberante da Floresta Amazônica se encontra com as praias douradas do litoral, há uma sinfonia de culturas e tradições que ecoa através dos séculos. Uma das vozes mais vibrantes dessa sinfonia é a herança africana, que se manifesta de maneira profunda e abrangente

no Nordeste brasileiro.

As palavras dançam no ar como folhas ao vento, cada uma contando uma história de conexão. O português que falamos, enriquecido por inúmeras palavras de origem africana, é um testemunho vivo dessa fusão. “Axé,” que expressa energia positiva, “caô,” para problemas ou confusões, “moleque,” um termo carinhoso para crianças, todas essas palavras têm suas raízes nas línguas africanas que chegaram com os escravizados. As línguas bantus, Iorubá, Kikongo, Kimbundu entre outras, ajudaram a criar a rica tapeçaria linguística que hoje conhecemos como português brasileiro.

A dança é o coração pulsante da cultura nordestina. O maracatu, com seus ritmos hipnotizantes, o frevo, com seus passos acrobáticos, e o samba de roda, com sua alegria, todos eles têm raízes profundas africanas. A capoeira, uma arte marcial disfarçada de dança, é uma expressão vívida da resiliência africana, uma forma de autodefesa que se transformou em uma bela manifestação cultural.

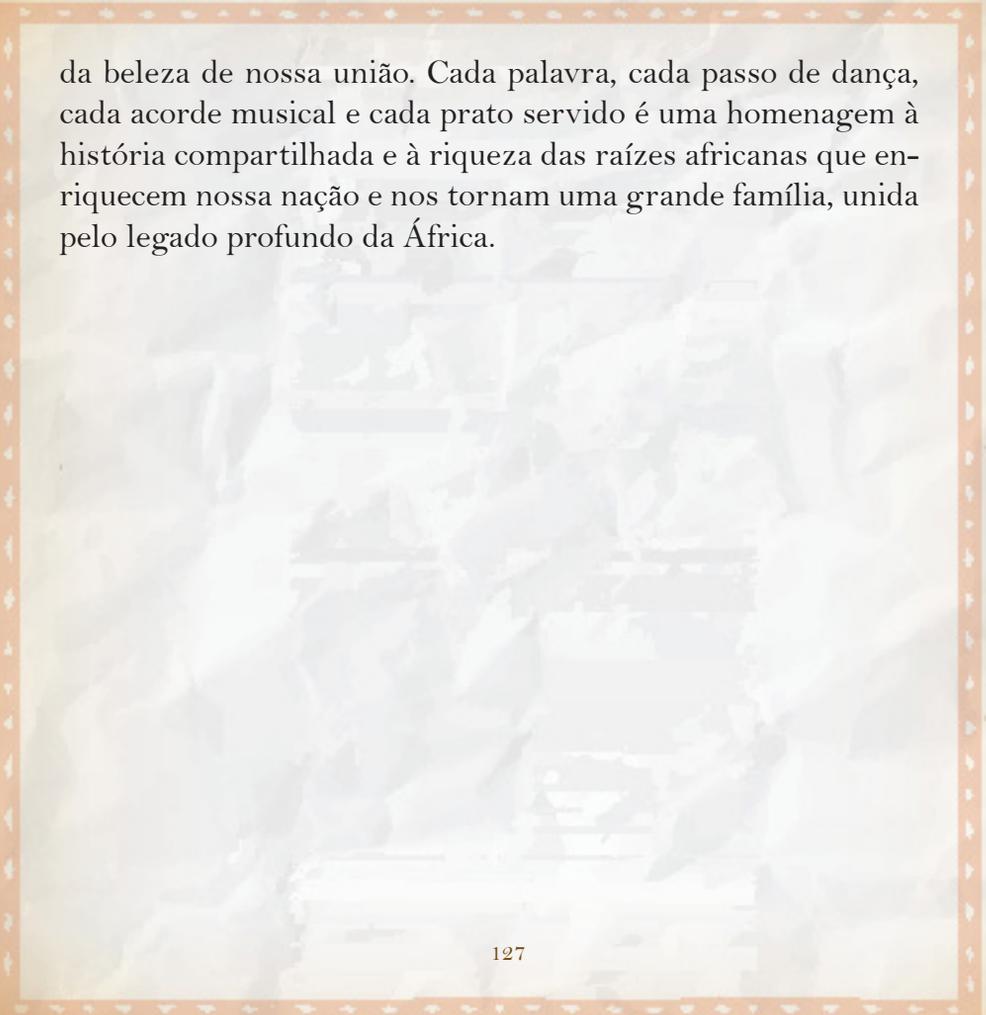
Os tambores ecoam como batidas de coração, os berimbaus cantam como vozes ancestrais, e os cavaquinhos sussurram segredos antigos. A música nordestina é uma celebração de rit-

mos africanos, incorporando o samba, o ijexá, o afoxé e outros estilos. Os mestres da percussão, como Naná Vasconcelos e Carlinhos Brown, continuam a ecoar a influência africana em cada nota que tocam.

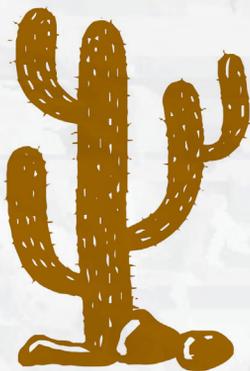
A mesa farta do Nordeste é um verdadeiro banquete de sabores e cores. O dendê, o azeite de coco, o açaá, o inhame, todos esses ingredientes têm raízes africanas. O acarajé, o vatapá, o bobó de camarão, o caruru, todos são pratos que revelam a influência de África em nossa culinária, com suas especiarias, aromas e sabores únicos.

O candomblé e a umbanda são as formas mais visíveis de religião afro-brasileira, mas a influência das crenças africanas vai muito além. Os orixás e os ancestrais africanos têm um lugar especial nos corações e nas vidas das pessoas no Nordeste, moldando a espiritualidade e as festas religiosas que se desdobram ao longo do ano.

Assim, o Nordeste brasileiro é uma celebração viva da herança africana que continua a fluir pelas veias do Brasil. É uma tapeçaria de cores, sons e sabores que nos lembra da riqueza de nossa diversidade cultural, da força de nossa resiliência e



da beleza de nossa união. Cada palavra, cada passo de dança, cada acorde musical e cada prato servido é uma homenagem à história compartilhada e à riqueza das raízes africanas que enriquecem nossa nação e nos tornam uma grande família, unida pelo legado profundo da África.



## Do Nosso Jeito

### *Pau de Cabinda*

No Nordeste, onde o “sol rachando” é o tal do “bagaço”  
Africanos chegaram, “dançaram coco” com abraço,  
Nas “quebradas do mar” e na “beira do rio”  
A cultura africana se fez presente, desafio.

No “batuque de zambê” e na “batalha no terreiro”  
Suas “mandingas” e “axé” nos mostraram o roteiro,  
Na “roda de capoeira,” a luta pela sobrevivência  
Africanos no Nordeste, forte presença, resistência.

Nas “feiras agitadas,” nos “panos de chita” coloridos  
A herança africana floresce, em tons e sentidos,  
E assim, no Nordeste brasileiro, um código se revela  
Nos versos, nas gírias, nas cores daquela tela.



## *As riquezas do nordeste*

*Paulo Moreira da Silva*

Eu já cruzei o Brasil, do Norte ao Sul e o Sudeste,  
Desfrutei das coisas boas, que eles nos oferecem.  
Mas tudo que eu vi por lá, vai fazer me abandonar,  
O meu querido Nordeste.

Meu Nordeste é muito lindo, e ninguém há dizer que não,  
Tem o Ceará, tem Alagoas, Pernambuco e Maranhão.  
Sergipe e Rio Grande do Norte, Paraíba é um berço forte,  
E a Bahia de meu coração.

E ao falar do Nordeste, e tudo que existe ali,  
Dos gigantes cerrados, e das bravuras de o servi.  
Eu preciso lhe dizer, que não podes esquecer  
Do nosso querido Piauí.

No meu Nordeste tem as praias, mais lindas do Brasil,  
Tem lavouras de cacau, das mais belas que se viu.  
Tem farinha de macaxeira, tapioca e magabeira,  
E um povo varonil.

Fartura de água de coco, tem seus lindos cajueiros,  
Gostosas moquecas de peixes, de janeiro a janeiro.  
Tem azeite de dendê, frevo e afrozer,  
E os irmãos hospitaleiros.

No meu nordeste tem ferro, tem magnésio e tem ouro,  
Tem muito talco e urânio, dos minerais, os tesouros.  
Tem extração de petróleo, lindos recifes e abrolhos,  
Aplaudidos em couro.

Tem bobó de camarão, acarajé e abará,  
Tem vatapá tem pimenta, nada há se comparar.  
Além do arroz de cuxá, de saboroso paladar,  
Só o meu Nordeste te dá.

E por se falar em Nordeste, quero falar de capital,  
Em Bahia tem Salvador, Rio Grande do Norte tem Natal.  
Ceará tem Fortaleza, Recife é uma beleza,  
E Teresina é especial.

Sergipe tem Aracaju, Paraíba tem João Pessoa,  
Maranhão tem São Luiz, Maceió é de Alagoas.  
Meu Nordeste é uma nobreza, abrasivo de amor e beleza,

Que encantam mesmo as pessoas.

Para você que não sabia, meu Nordeste é gostoso demais,

É um lugar de muita alegria, de leveza e muita paz.

Aquele que visita o Nordeste, sua alma de gozo se reveste

E não quer voltar mais para trás.



## *O Saci e o Cangaceiro*

*Robson Campos*

Era para ser mais uma manhã quente e tranquila no sertão da Paraíba, se não fosse pela chegada do temido bando do cangaceiro Zé Mão de Ferro, que por onde passava trazia muita miséria e sofrimento. Era o ano de 1918, e o cangaço era ainda muito comum nos sertões do Brasil, sendo o bando de Zé Mão

de Ferro um dos mais ferozes. Roubava dos ricos, dos pobres, das viúvas e até das criancinhas, roubava até os doces, pois Zé Mão de Ferro era tão ruim, mas tão ruim, que até o Cão Tinho-  
so pedia bênçãos a ele quando o encontrava.

Mas eis que, naquela manhã, também por uma estranha coincidência, estava pelo mesmo caminho Romão, o Saci, esse nosso amigo travesso do folclore brasileiro, conhecido em todo o nosso Brasil. Ele saltitava pelo chão árido, sua carapuça vermelha girando alegremente no ar. O que o Saci não sabia era que iria se meter em uma das maiores confusões de sua vida naquele dia.

O Saci continuou seu caminho alegremente, mas ao perceber o cangaceiro e seu bando parados em um local descansando, não resistiu à tentação de pregar uma pequena peça nos cangaceiros ali presentes, tratando de amarrar as crinas de todos os cavalos enquanto todos repousavam, pois ainda era muito cedo, deixando-os todos muito nervosos quando acordaram.

Mão de Ferro pegou sua peixeira e bradou aos quatro ventos: “Quem fez isso com nossos cavalos que se apresente, e,

se for Cabra Macho, venha aqui, que vou rasgar o bucho com minha peixeira...”

O Saci, travesso como era, não perdeu a chance de zombar do famoso cangaceiro. Com um rápido pulo, ele apareceu diante de Zé Mão de Ferro, provocando-o. “Olá, Zé Mão de Ferro! O que há de tão temível em um sujeito com uma mão de ferro, afinal? Parece que você não é tão mal assim!”, riu o Saci, sua perna única dando voltas no ar.

Zé Mão de Ferro, enfurecido, tentou agarrar o Saci, mas o danado era rápido demais. O cangaceiro desembainhou seu punhal e correu atrás do Saci pelo sertão, deixando um rastro de poeira.

O Saci, rindo às gargalhadas, levou Zé Mão de Ferro a uma verdadeira maratona pelo sertão. No entanto, o cangaceiro estava determinado a capturar o folclórico ser. Ele recorreu ao seu bando de cangaceiros, formado por homens rudes e valentes.

Mas o Saci não estava para brincadeira. Com suas travessuras e magia, ele fazia os cangaceiros se atrapalharem, passando por mil armadilhas, inúmeras situações perigosas e muitos ve-

xames, que faziam com que o bando de Cangaceiros duvidasse da liderança de Zé Mão de Ferro. Enquanto Zé Mão de Ferro e sua turma caíam em buracos e eram surpreendidos por ilusões, o Saci se divertia, sempre fora de alcance.

No entanto, as coisas começaram a se complicar quando o Saci usou sua magia para criar um tesouro falso, atraindo a ganância dos cangaceiros. Zé Mão de Ferro ainda queria caçar o Saci, mas seu bando, certo de que havia encontrado uma fortuna, abandonou sua busca pelo Saci e se lançou na busca pelo tesouro, deixando Zé Mão de Ferro em sua caça pelo Saci, sem que pudesse fazer outra coisa a não ser esperar que seu bando cavasse o tesouro.

O Saci, com um sorriso maroto, assistiu enquanto os cangaceiros cavavam feito loucos, esperando encontrar riquezas que nunca existiram. Quando finalmente perceberam que haviam sido enganados, ficaram furiosos.

Foi então que o Saci decidiu pregar sua última peça. Ele criou uma ilusão de uma horda de soldados armados se aproximando. O pânico se espalhou entre os cangaceiros, e eles fugiram, deixando para trás seu líder furioso, Zé Mão de Ferro.

O Saci, vendo a confusão que havia causado, riu e desapareceu, deixando Zé Mão de Ferro sozinho e enfurecido no meio do sertão. O cangaceiro jurou vingança, mas o Saci sabia que, naquele dia, havia vencido a batalha das travessuras.

E assim, o sertão nordestino viu uma das mais inusitadas batalhas entre o folclore nordestino e o cangaço. O Saci, com suas artimanhas, havia superado até mesmo o temido Zé Mão de Ferro, deixando o sertão mais uma vez cheio de histórias para contar, cheias de humor e travessuras.

O Cangaceiro, então humilhado, derrotado e sem seu bando, resolveu sair do sertão e deixou para trás sua vida de maldades para sempre... E, assim, nunca mais ouvimos falar de Zé Mão de Ferro, graças a Romão, o Saci do Sertão, e suas traquinagens.



## *Maria Preta*

*Rose Ames*

Acorda de manhã, lava, corre, cozinha  
Na vida do dia a dia,  
Vê que não está sozinha.  
Cuida da roça e da cozinha,  
Mas não esquece que um dia  
Queria voar como as andorinhas.



## *Dona Mariquinha*

*Rose Ames*

Filha de nordestino, morava solitária numa ilha no rio Paraná,  
Caçava, plantava, vivia com dignidade  
Andava aqui e acolá.  
Buscava nos sonhos a vontade de ser médica,  
Mas o destino cruel lhe fez parteira.

Analfabeta não sabia ler e escrever,  
Mas recitava lindos versos, a meu ver.  
Teve nove filhos que também não foram para a escola,  
Pescavam, caçavam ou eram jornaleiros,  
Seguiam o mesmo destino dos pais.  
Dona Mariquinha envelheceu parteira,  
Aprendeu a manipular ervas,  
Era a bruxa curandeira nas redondezas das ilhas.  
Mas o homem civilizado e estudado entrou em suas vidas,  
Com a ganância do mundo moderno,  
apropriou-se de suas terras.  
Assim como muitos outros ilheiros, dona Mariquinha morreu  
sendo parteira, analfabeta e longe do seu lindo Nordeste.



## *Das aparições do amor*

*Sandra Roza*

EEu só queria entender  
Alguém poderia me explicar,  
Como é possível alguém viver  
Sem ter ninguém para amar.  
Sem nunca conseguir sentir

Dentro do seu coração quente,  
O amor gostoso e puro  
Que vigora a vida da gente.

O amor é tão bonito  
Que nem é preciso enfeitar,  
Ele só, ele sozinho  
Já pode o mundo encantar.  
De aparição singela  
Como um beijo na janela,  
Um olhar mei descarado,  
Ou um sorriso assim de canto  
O amor já é demonstrado.

Às vezes ele vem de noite  
Ao ver a lua do terreiro,  
Enche o coração de alegria  
Com as chuvas de janeiro.

Que esverdeia o sertão,  
E deixa o povo abestalhado  
Reparando a plantação,  
Aí, o amor dentro do peito  
Dança doido de paixão.

O amor gosta também  
De terreiro bem varrido,  
Com flores plantadas na beira  
De pilão cheio de milho.  
Prontin pra fazer fubá  
E depois do cuscuz pisado,  
Cozido e bem preparado  
O povo todo alimentar.

O amor chega também  
Ao pentear o cabelo dela,  
Ao dar-lhe um beijo no rosto  
Sentindo o cheiro de canela.

Da filha que está crescendo  
E fazer-lhe seriamente prometer,  
Que não andará no mal caminho  
Que sempre ao bem vai obedecer.

Ele gosta de aparecer também  
Assim, no meio do nada,  
Quando a mãe se levanta  
Numa fria madrugada.  
E vai até a cabeceira  
Do seu filho adolescente  
Rezar baixinho uma prece,  
Para que ele cresça gentil  
Um homem bom, inteligente.

O amor às vezes vem  
Num movimento avexado,  
De um rabo abanando ligeiro

Querendo apenas um afago  
Do dono que chegou cansado.  
Vem também em um miado  
Um roçado debaixo da mesa,  
De quem gosta mais de colo  
Do que doce de cereja.

Acontece do amor também  
Chegar às vezes tão quente,  
Avexado e tão ligeiro  
Que arrebatava o coração da gente.  
Mas depois vai se acalmando  
E tranquilo faz morada,  
No beijo macio e quente  
No abraço da namorada.

Tem vez que o amor aparece  
Quando nosso mundo desaba,  
Quando a agonia da vida

Traz choro, desencanto e mágoa.  
Aí o amor aparece quentinho  
Com um chá, um café, um ninho,  
E nos faz descansar tranquilo  
No colo, no abraço de um amigo.

O amor é um sujeito  
Tolo, alegre e elegante  
Se veste de gentileza,  
Ele é mesmo fascinante!  
Quem nunca ganhou o dia  
Depois do amor encontrar,  
Num gesto ou num bom dia  
De um estranho, em algum lugar?

Mas há aqueles também  
Que não sabem o que é amar,  
Que não tiveram na infância  
Ou não souberam cultivar.  
E vivem de cara amarrada  
A boca estranha, emborcada,  
Em um formato inverso.  
E agem com perversidade  
Distribuindo mal gratuito  
No lugar da piedade.

Aí, tadinho do amor...  
Ele fica arroteando  
Querendo uma brecha achar,  
Quem sabe a ferida sangra  
E ele ali pode adentrar.  
Pois basta uma gotinha sua  
Pra causar uma sinfonia,  
De ternuras, risos e canções

E acalentar o coração  
De quem vive na agonia.

Porque uma coisa é certa,  
Disso eu tenho certeza!  
Ninguém é mal e arrogante  
Por escolha da natureza.  
A falta do amor é a causa  
De se viver com amargura,  
Pois a privação do afeto  
Rende a dor no coração,  
E adoce a alma toda  
Promovendo a escuridão.

Por isso, você aí  
Que tem brilho no olhar,  
Que o coração mal cabe no peito  
Do tanto que ama amar.

Vamos promover um motim  
E espalhar amor no mundo,  
Mesmo entre a gente ruim?

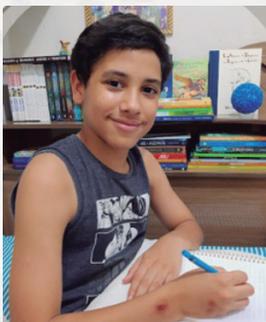
Quem sabe eles também  
Um dia se deixem envolver,  
E baixem a guarda da dor  
E pela armadura aberta  
Deixem o amor florescer.



*Cristiana Escola*

Cristiana Escola é escritora de livros infantis, nascida na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente mora na cidade de Rio das Ostras, onde é professora da rede pública de ensino, defensora dos direitos das mulheres, e ativa nos projetos literários e sociais da cidade de cidade Mãe. Apaixonada por livros desde criança, sonhadora e idealista, acredita fielmente que ler transforma o mundo.

@cristianaescola



*Davi Lima Alcântara*

Mineiro de Santa Vitória, tenho 11 anos, curso o 6º ano. Estou aprendendo violão, inglês e xadrez. Meus hobbies são desenhar, colorir aves e criar HQs. Meus interesses principais são LEGO, cinema e viagens. Meus livros preferidos são \*Robô Selvagem\* (Peter Brown), \*Gatos Guerreiros\* (Erin Hunter) e \*Percy Jackson\* (Rick Riordan).

@astronomiacomdavi



*Drikah Thabepe*

Drikah Thabepe, uma paranaense, casada e mãe de um menino. Trabalha no ramo automotivo, mas iniciou com a escrita em 2010 e, desde então, descobriu seu amor pela escrita. Ela acredita que escrever é uma linguagem de amor. Entregar seu pensamento para que outros possam ler é um ato de serviço para quem ama a humanidade.

Instagram: @adrideasoficial



*Edivandro Castro*

Edivandro Castro  
Natural do Pará, desde cedo, descobriu nas palavras o melhor refúgio para uma mente imaginativa. Formado em Letras, Filosofia e Teologia, já morou em várias cidades e teve nessa constante mudança geográfica uma das maiores fontes de inspiração para suas criações literárias. É autista, professor, autor dos livros *Histórias mórbidas e Poemas entre a vida e a morte* e, atualmente, membro da Academia Gamense de Letras em Brasília.

@edivandro\_castro



*Elizabete Presa*

Graduada em nutrição, com pós-graduação em acupuntura e especialização em acupuntura na China pelo World of Chinese Medicine Societies (WF-CMS), além de formação em Personal Nutrition Funcional, Reconhecimento de Exames Laboratoriais, Fitoterapia e Meditação no Tibete e Peru. Atua como consultora em programas de TV e mídia impressa, sendo apresentadora do quadro “Marmitta Fit” no programa “Você Bonita” da TV Gazeta. Encontre-a em

@elizabetepresa.



*Elisiany L. L. de Souza*

Elisiany Leite Lopes de Souza (Elys Lopes) nasceu em Fortaleza, Ceará, em 6 de janeiro de 1987. É jornalista, professora da educação básica e escritora. Possui Mestrado em Linguística Aplicada pela UECE. É blogueira do “Nem firulas nem frescuras”. Além de ser colunista do site Política Brasil. Lançou seu primeiro e-book em 2003: “Marketing super estratégico: como incrementar seu negócio?” com Izolda Ribeiro. E lançou seu primeiro livro infantil: “Mãe, quero ser igual a você” (2023). @elyslopesoficial



*Fernanda Janayna  
Souza Dória*

Esposa, mãe, filha, irmã, amiga, madrinha, à disposição da messe e professora. Formada em pedagogia, pós-graduada em coordenação pedagógica, pós-graduanda em filosofia/sociologia com formação em projeto de vida e cursos na área da saúde emocional, comportamento e bem-estar (psicanálise, psicologia, filosofia, educação, re-

ligião e espiritualidade, família, emoções). Encontrei na sala de aula meu lugar no mundo, pois sei o poder que a educação tem em transformar, empoderar e mudar realidades através do estímulo à criatividade, habilidades e competências. Sei que a realização pessoal se dá através de um entendimento e prática da fé e busca de equilíbrio em todas as dimensões da vida, através de disciplina, autoconhecimento e inteligência emocional. Escrevi e produzi de forma independente, meu primeiro livro inspirado em minha trajetória para plantar sementes na sala de aula, intitulado 'Mensagem para Você' - Palavras: O poder de tocar vidas, inspirar atitudes e transformar destinos.

@jana\_responde



*Francisca Kássia*

Licenciada em História pela UEMA, pós-graduada em História do Brasil pela IESF. Graduanda em Letras/Espanhol pela UNIFAVENE. Pós-graduanda em Coordenação Pedagógica pela Unifaveni. Coautora no Livro História e Geografia de Aldeias Altas-MA. Participou de várias antologias. Ama versar sobre diversas temáticas, inspirada na natureza, músicas e momentos, mas principalmente sua filha.

@kassia\_s.sousa



*Hamurabe José  
Batista Flores*

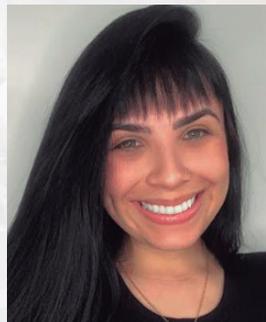
Hamurabe José Batista Flores, natural da cidade de Almadina-BA, nascido em 03/12/1977. Graduado em Gestão Pública, cursando Pedagogia, é cordelista, tendo publicado seu primeiro livro de poesias intitulado “O canto da terra” em 2002 pela Editora Casa do Novo Autor. Atualmente é Secretário Municipal de Educação, Esporte, Cultura e Turismo no município de Almadina-BA.



*Ian Luís*

Ian Luís, potiguar natural da cidade de Currais Novos, RN, está iniciando uma nova etapa na vida rumo à faculdade. Desenvolveu muito cedo o gosto pela escrita e, com 7 anos, já ficava idealizando escrever um livro. Gosta de jogos de RPG, quadrinhos, música e poesia.

Insta: @siulnai



*Jordana Pires*

Jordana mora no Rio Grande do Sul, cursa Licenciatura em Letras – Port./Ing.

É autora do livro infantil “A Estrelinha Estralinha”, é poetisa e atualmente está trabalhando em sua coletânea de sonetos e em um romance, também compartilha dicas de leituras em seu Instagram literário (@livros\_de\_capitu).

Seu maior desejo é que as palavras consigam eternizar nas linhas do tempo as suas emoções.



*José Edson Lima Bento*

Brasileiro, da cidade de Cedro - CE. Amo a arte de análise da mente humana e de música. Tenho espírito livre, abracei a bruxaria e o tarot como parte disso. Amo escrever, sendo essa minha primeira participação em uma obra literária.

@edsonbento.  
terapeutatrg



*Juliana Bilu*

Nascida e residente em Uberlândia - MG, sempre fui apaixonada por poesia. Portadora de hidrocefalia, depois de muitos anos escrevendo e jogando fora, hoje tenho coragem de expor minhas obras. Sou escritora e poetisa desde o ano de 2002, retratando o antes, o agora e o depois.  
@julianabilu



*Luciana Nascimento*

Luciana Nascimento Silva nasceu em 1974, em Floriano, PI. É apaixonada por literatura, cursou Letras na Universidade Estadual do Piauí, leciona Português no Ensino Médio. Também gosta de arte, desenho, pintura e fotografia. Pratica pintura e já participou de exposições internacionais.

@lunascimentoartes



*Márcia Silva*

Márcia Silva de Oliveira Afreu, uma jovem ambiciosa de Pernambuco, decidiu mudar de vida e se mudou para São Paulo em busca de novos desafios e oportunidades. Durante sua jornada, enfrentou muitos obstáculos, mas também experimentou grandes vitórias e realizações. Em 2021, após a explosão da fama da prima do seu esposo, Deolane Bezerra, na internet, Márcia foi convidada pela Solange Bezerra a trabalhar como assessora artística e alcançou seu lugar no mundo dos famosos. Com sua deter-

minação e espírito empreendedor, hoje ela possui três empresas, mas ainda luta para realizar todos os seus sonhos, provando que o impossível é apenas uma questão de não desistir. É autora do livro “É tudo nosso e nada deles”.

@marciasilvaoficial



*Maria da  
Conceição Marques*

Graduada em Letras, sou especialista em educação, cidadania e meio ambiente, professora, poetisa e artesã. Nasci e vivo no Maranhão.

@maria.souta



*Marcos Viana*

Marcos Viana, Missionário cristão, Compositor, Cantor de rap, MC, Sonetista, Cronista, Contista, Aphorista, Caiano. Baiano de Salvador, membro da Academia Literária Interamericana na cadeira 44. Autor de mais de 700 poemas, 3 mil letras de músicas, 200 músicas gravadas. Autor do Poema Crônicas Poéticas pra Vida, reconhecido pelo Google, que está no site Recanto das Letras. Autor do livro Crônicas Poéticas pra Vida e Sonetos. @marcos.viana.547



*Carlos Eduardo Silva*

Carlos Eduardo “Kadú” Silva é carioca, tem 47 anos e reside atualmente no Nordeste Brasileiro. É graduado em História e pós-graduado em História da Paraíba pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, e em Metodologia do Ensino de História pela FACUMINAS. Além disso, é historiador, professor, escritor e poeta. Desde os 12 anos, começou a escrever textos literários e poemas, que são postados diariamente em sua página no Instagram:

@carlooseduardosilvah.



*Maria Vitória  
de Oliveira Afreu*

Maria Vitória de Oliveira Afreu, estudante, nordestina, sertaneja de Itaporanga-PB e apaixonada por literatura. Comecei a recitar e escrever poesias aos 7 anos de idade, mas agora, com o intuito de evoluir cada vez mais minhas escritas.



*Patrícia Ferreira da Silva*

Nascida em 1982, é natural de Coração de Maria, BA. É mestre de cerimônias e graduada em Serviço Social no ano de 2015. Primeira Assistente Social na Educação do Município de 2018 a 2021. Criou uma inclinação pela escrita criativa e declamação em versos desde 2015, durante sua participação em um projeto didático-pedagógico intitulado “Bahia e suas diversidades culturais” em uma escola municipal onde trabalhou. Suas poesias têm caráter social, educativo e incentivador, com temas sobre saúde. Atualmente, ocupa o cargo de vice-diretora de uma escola. Instagram:

@pa.tricia2527



### *Pau de Cabinda*

Mbiavanga Adão Garcia, conhecido pelo pseudônimo Pau de Cabinda, é um escritor angolano, diretor editorial da Terapia Lírica Editora, doutorando em Literaturas Africanas em Língua Portuguesa pela USP, mestre em Estudos da Linguagem pelo MEL–Bahia, graduado em Letras – Língua Portuguesa pela UNILAB,

especialista em Ensino de Língua e Literatura pela UFPA e pesquisador na área de literaturas africanas em língua portuguesa. É o criador da Afrobooks Editora, aluno de física quântica e crítico do Novo Testamento. Ele escreveu os livros “O menino que não acredita em Deus”, “Psicose”, “O Livro de Mentira”, “Versos Para Elas”, “Contos para Minha Filha”, entre outros, bem como os artigos recentes “Memórias da infância na narrativa: ‘O nascer do sol’ de Luandino Vieira” e “Literatura Angolana e o Mercado Editorial Brasileiro: A coleção de autores africanos” da Editora Ática. @d\_clook



### *Paulo Moreira da Silva*

Paulo Moreira da Silva é cantor, compositor, poeta e escritor. É formado em gestão comercial, técnico em edificações e em transação imobiliária. Sua mente trabalha bem com construção civil, e seu coração, com o poder das palavras.

@paulosilvamoreira11



*Robson Campos*

Robson C. Abreu é natural de São Paulo, tem 50 anos, é casado e pai de dois filhos. É autor de vinte obras literárias já publicadas, com participação em mais quatro obras de antologia, sendo duas pela Editora Scortecci, uma pela Clube de Autores no projeto para a APAE (Poesia todo dia) e mais uma (Floresta de ponta cabeça). Possui larga experiência teatral como ator, diretor e dramaturgo, com a criação de dezenas de espetáculos. Também é formado em Licenciatura em História, Licenciatura em Língua Portuguesa, Psicanálise, Coaching, além de possuir formação em design gráfico e edição de vídeos pela EBAC. Atua como professor, terapeuta e escritor.

@professor\_robson\_campos



*Rose Ames*

Nascida em Guaíra, Paraná, em 30 de julho. Descendente de negros e índios. Ex-boia-fria, autodidata em artes desde pequena. Formada no magistério em 1999. Graduada em pedagogia, arte, educação e educação física, com pós-graduação em arte, inclusão, informática educacional, alfabetização, letramento e nutrição clínica esportiva. Atualmente, é professora municipal em Foz do Iguaçu, Paraná.

@rosie.ames



*Sandra Roza*

Filha de Alice Rosa e João Sena, Sandra Roza da Cruz é natural de Cabaceiras do Paraguaçu, Bahia. Construiu sua carreira acadêmica na rede pública de ensino, obtendo os títulos de graduação em Letras (UNEB), Especialização e Mestrado em Língua e Cultura (UFBA). A autora também é professora, psicanalista clínica e mãe de Esmeralda e Alexandre. A vida em si é sua principal inspiração para escrever. De forma visceral, as vivências e memórias, naturalmente, embalam seus poemas e contos. Esportista, otimista e alto astral, no dia a dia, ela usa suas criações literárias e seu estilo estoico e holístico para motivar as pessoas a serem ainda mais incríveis e protagonistas de suas vidas.

@sandra\_roza

